

DIAGNÓSTICO AMBIENTAL

RPPN Eco dos Bugios

Unidade de Conservação (Reserva Particular do Patrimônio Natural) na APA Bororé-Colônia, São Paulo

ANEXO I INTEGRANTE DO DECRETO Nº 50.912, DE 7 DE OUTUBRO
DE 2009

FORMULÁRIO DE USO FACULTATIVO PARA REQUERIMENTO
DE CRIAÇÃO DE RPPN

Ilustríssimo Senhor Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

MARCELO DE MOURA
RG 42682683-8, CPF 051028678-57, CASADO (estado civil),
residente e domiciliado na RUA FREDERICO GUARINON,
nº 125, complemento AP. 113 SOL, Bairro ID. AMPLIAÇÃO,
Cidade de SÃO PAULO, UF SP, CEP 05713-460,
Tel. (11) 99217-7851, e-mail: MDEMOURA@GMAIL.COM vem reque-
rer que, no imóvel de sua propriedade, denominado _____
localizado na ESTRADA DA CARAVA GRANOS, nº 3130,
Bairro ID. VARGINHA, Cidade de SÃO PAULO, UF SP,
CEP 04872-999, com a área total de 4,6 ha, registrado no Registro de
Imóveis da Comarca de São Paulo sob a matrícula/registro n.º 251509/251510,
seja criada a Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN denominada
ECO DOS BUGIOS, com área de 4,6 ha, descrita em planta e
memorial descritivo anexados ao presente.

Declara estar ciente do caráter de perpetuidade da RPPN e
das restrições ao uso do imóvel decorrentes da criação desta categoria de Unidade de
Conservação.

Declara ainda, sob as penas da lei, que para o imóvel em
questão inexistem quaisquer autos de infração de natureza ambiental não quitados ou



Termos em que pede deferimento.

São Paulo, 7 de Novembro de 2024

Marcelo Moura

Proprietário ou Representante Legal

NOME: MARCELO DE MOURA

RG: 12692683-9

CPF: 051.029.678-51

OBSERVAÇÕES:

1) Quando o imóvel pertencer a mais de uma pessoa, todos os proprietários deverão ser qualificados no requerimento e assiná-lo;

2) Quando o proprietário for pessoa jurídica, a qualificação do preâmbulo deverá ser composta por nome da pessoa jurídica, número de inscrição no CNPJ/MF, endereço, nome dos representantes legais com poderes para a instituição do gravame sobre o imóvel, qualificação dos representantes legais e, se o caso, número da ata da assembleia em que eleitos os representantes;

3) Se o proprietário for pessoa física casada em regime que não o da separação absoluta, deverá o cônjuge, quando não for co-proprietário do imóvel, figurar no requerimento como interveniente anuente (artigo 1647 do Código Civil);

4) Sempre que sobre o imóvel incidirem direitos reais de terceiros ou quando servir o bem à garantia de obrigação ou dívida judicial, deverá o titular do direito real ou credor da obrigação figurar como interveniente anuente.

REGISTRADOR E TABELIÃO
DINAMARCO

OFICIAL DE REGISTRO CIVIL
DAS PESSOAS NATURAIS E
TABELIÃO DE NOTAS 30º SUBDISTRITO
IBIRAPUERA DA COMARCA DE SÃO PAULO

Av. Padre Antônio José dos Santos, 1568/1572
Cidade Monções - São Paulo-SP - CEP:04563-004
Tel.: (11) 4506-3030
E-mail: contato@tabeladodinamarco.com.br

Reconheço, por semelhança, a firma de: (1) MARCELO DE MOURA, em documento sem valor econômico, dou fé.
São Paulo, 08 de novembro de 2024.
Em Teste _____ da verdade. Cód. [1926758912293401041137 - 000876]

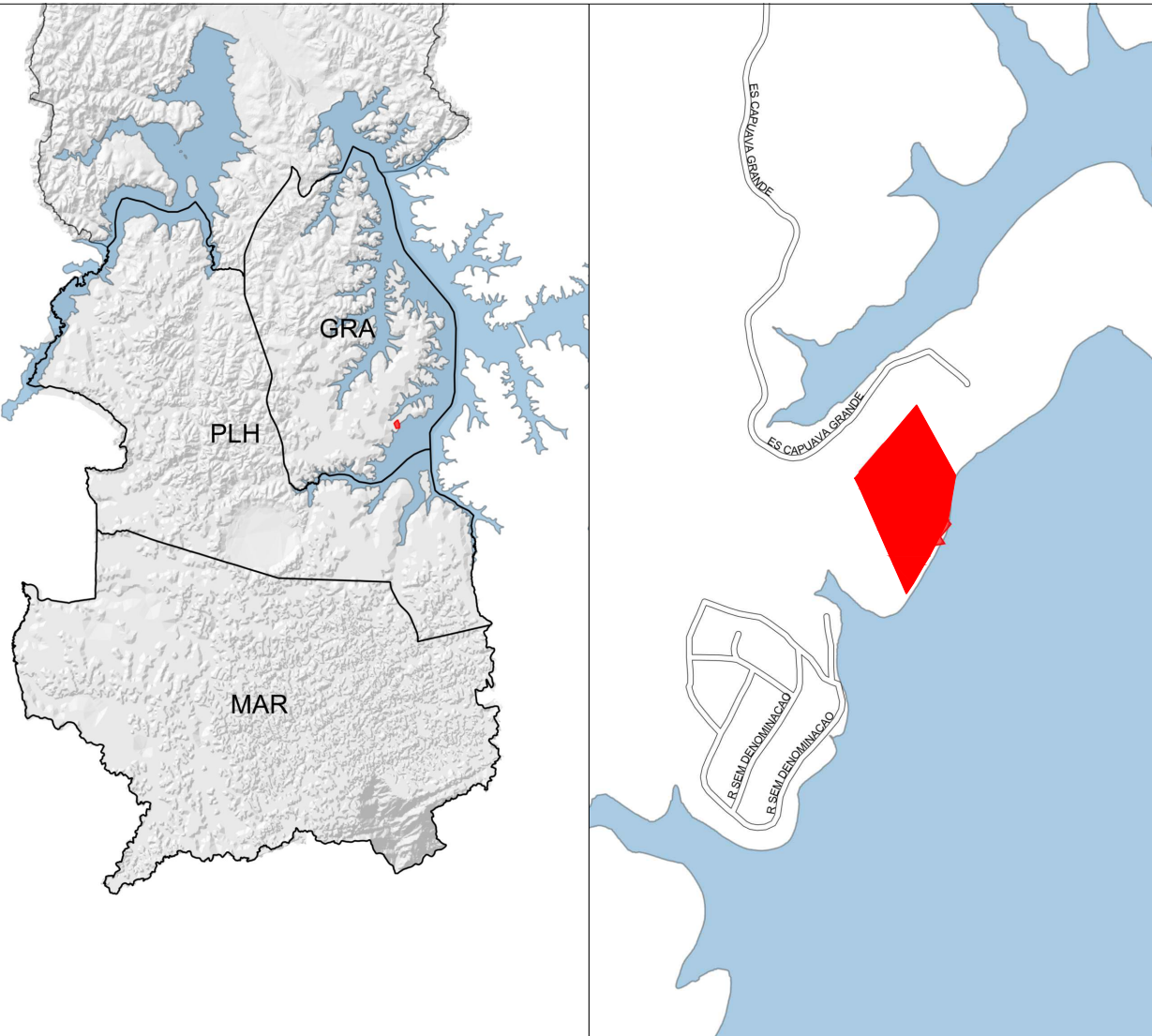
ANA PAULA DE SOUZA DA SILVA - ESCRIVENTE (Ord 1: Total RS 0,23)
Selo(s): 1 Ato: AD - 0126444

"VÁLIDO SOMENTE COM O SELLO DE AUTENTICIDADE, CUJA CONSULTA PODERÁ SER FEITA ATRAVÉS DO QR CODE"





RPPN ECO DOS BUGIOS



Localização sem escala

TABELA DE ÁREAS		
LEGENDA		ÁREA
	Área da UPA	6,6332 ha
	Área de Preservação Permanente (APP)	1,8842 ha
	Reserva Legal	1,4242 ha
	Vegetação Nativa	6,1089 ha
	Infraestrutura Pública	
	Curva de Nível - Mestra	
	Curva de Nível - Intermediária	
	Hidrografia - Cursos d'água	
	Hidrografia - Massa d'água	
	Edificação / Sede	
	Portão/ Acesso	
	Área de Uso Restrito	



RPPN ECO DOS BUGIOS

OBSERVAÇÕES

Peça meramente informativa conforme dados declarados pelo proprietário ou responsável para o CAR (Cadastro Ambiental Rural)

PROPRIETÁRIO
MARCELO DE MOURA

ENDERÇO
Estrada de Capuava Grande

ID UPA
[]

DATA
Novembro/2024

SIRGAS
2000 - Fuso 23S

ESCALA
1/900

Nº CAR
SP-3550308-BAD0FB3BCAD47EA9A56930F94503C620

MUNICÍPIO
São Paulo - SP

ÁREA DO IMÓVEL
6,6332 ha

RESP. TÉCNICO
DANIELY AMADIO DOMINGUES
RASERA:38803966803

Assinado de forma digital por DANIELY AMADIO DOMINGUES (RASERA:38803966803) Data: 2025.02.04 11:28:09 -03'00'

Eng. Agrimensora Danely Amadio Domingues RASERA: 38803966803 - Registro/SP: 382112M5



MEMORIAL DESCRITIVO

Proprietário: Marcelo de Moura
CPF: 051.029.678-51
Local: Estrada de Capuava Grande
Município/UF: São Paulo/SP
Área: 56.971,69m² - 5,6972ha
Perímetro: 961,29m

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

Inicia-se a descrição deste perímetro no vértice 1, de coordenadas N 7.364.136,42m e E 332.137,46m; deste, segue confrontando com SITIO CAPUAVA GRANDE - EDGAR KOCHER - CPF: 001.511.508-00, com os seguintes azimutes e distâncias: 135°36'55" e 11,19 m até o vértice 2, de coordenadas N 7.364.128,42m e E 332.145,29m; deste, segue confrontando com CONFRONTANTE NÃO IDENTIFICADO, com os seguintes azimutes e distâncias: 146°14'42" e 34,23 m até o vértice 3, de coordenadas N 7.364.099,96m e E 332.164,31m; com os seguintes azimutes e distâncias: 150°41'36" e 34,22 m até o vértice 4, de coordenadas N 7.364.070,12m e E 332.181,06m; com os seguintes azimutes e distâncias: 155°10'20" e 34,22 m até o vértice 5, de coordenadas N 7.364.039,06m e E 332.195,43m; com os seguintes azimutes e distâncias: 159°39'13" e 34,23 m até o vértice 6, de coordenadas N 7.364.006,97m e E 332.207,33m; com os seguintes azimutes e distâncias: 164°06'44" e 34,23 m até o vértice 7, de coordenadas N 7.363.974,05m e E 332.216,70m; com os seguintes azimutes e distâncias: 168°35'18" e 34,22 m até o vértice 8, de coordenadas N 7.363.940,51m e E 332.223,47m; com os seguintes azimutes e distâncias: 173°03'13" e 34,23 m até o vértice 9, de coordenadas N 7.363.906,53m e E 332.227,61m; com os seguintes azimutes e distâncias: 177°31'17" e 34,22 m até o vértice 10, de coordenadas N 7.363.872,34m e E 332.229,09m; com os seguintes azimutes e distâncias: 182°00'34" e 34,22 m até o vértice 11, de coordenadas N 7.363.838,14m e



E 332.227,89m; com os seguintes azimutes e distâncias: 186°27'31" e 34,23 m até o vértice 12, de coordenadas N 7.363.804,13m e E 332.224,04m; com os seguintes azimutes e distâncias: 246°13'30" e 136,62 m até o vértice 13, de coordenadas N 7.363.749,05m e E 332.099,01m; com os seguintes azimutes e distâncias: 336°10'17" e 34,75 m até o vértice 14, de coordenadas N 7.363.780,84m e E 332.084,97m; com os seguintes azimutes e distâncias: 336°49'54" e 171,11 m até o vértice 15, de coordenadas N 7.363.938,15m e E 332.017,65m; deste, segue confrontando com ESTRADA DE CAPUAVA GRANDE, com os seguintes azimutes e distâncias: 337°41'02" e 65,73 m até o vértice 16, de coordenadas N 7.363.998,96m e E 331.992,69m; deste, segue confrontando com SITIO CAPUAVA GRANDE - EDGAR KOCHER (001.511.508-00), com os seguintes azimutes e distâncias: 46°29'01" e 199,63 m até o vértice 1, ponto inicial da descrição deste perímetro. Todas as coordenadas aqui descritas estão georreferenciadas ao Sistema Geodésico Brasileiro, representadas no Sistema UTM, referenciadas ao Meridiano Central nº 45°00', fuso -23, tendo como datum o SIRGAS2000. Todos os azimutes e distâncias, área e perímetro foram calculados no plano de projeção UTM.

São Paulo, novembro de 2024.

Responsável Técnico:

DANIELY AMADIO
DOMINGUES

RASERA:38803966803

Assinado de forma digital por
DANIELY AMADIO DOMINGUES
RASERA:38803966803
Dados: 2025.02.04 11:25:16 -03'00'

DANIELY AMADIO DOMINGUES RASERA
Engenheira Agrimensora
CREA/SC 149.432-4 - Registro/SP 382112MG
Registro Nacional nº 251644742-6



Extremantes:

PROPRIETÁRIO: EDGAR KOCHER
CPF Nº 001.511.508-00

MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
CNPJ Nº 46.395.000/0001-39



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DO VERDE E DO MEIO AMBIENTE
Divisão de Patrimônio Ambiental

Rua do Paraíso, nº 387, - Bairro Paraíso - São Paulo/SP - CEP 04103-000

Telefone:

PROCESSO 6027.2024/0029390-3

Parecer Técnico SVMA/CPA/DPA Nº DPA

São Paulo, 17 de fevereiro de 2025.

À CPA

Sr^a Coordenadora-Geral,

Em atendimento ao solicitado pelo requerente (114014581 e 114014601), analisamos a documentação enviada para fins de criação e reconhecimento da **Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN "Eco dos Bugios"**, com base no [Decreto Municipal 50.912/09](#), e constatamos que o requerente atendeu ao inciso I do Art. 4º do referido decreto, apresentando toda a documentação prevista pelo Art. 3º do mesmo, a saber:

Art. 3º. O proprietário rural ou urbano interessado em criar uma RPPN sobre a totalidade ou parte de imóvel de sua propriedade deverá dirigir pedido de reconhecimento à Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, contendo, no mínimo as informações constantes do formulário padronizado, de uso facultativo, constante do Anexo I deste decreto, e instruído com os seguintes documentos:

I - prova de domínio do imóvel, representada por certidão atualizada, emitida pelo Cartório de Registro de Imóveis competente, acompanhada de certidão negativa de ônus reais, ou, se o caso, de declaração de anuência dos titulares dos direitos reais incidentes sobre o imóvel e dos credores das obrigações ou dívidas judiciais asseguradas pelo bem;

II - no caso de proprietário pessoa física:

a) cópia da cédula de identidade e do documento de inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas de todos os proprietários do imóvel;

b) outorga do cônjuge nas hipóteses legalmente exigidas;

III - no caso de proprietário pessoa jurídica:

a) ato constitutivo, estatuto ou contrato social em vigor, devidamente registrado, em se tratando de sociedades comerciais, e, no caso de sociedades por ações, acompanhado de documentos de eleição de seus administradores;

b) inscrição do ato constitutivo, no caso de sociedades civis, acompanhada de prova da diretoria em exercício;

c) prova de inscrição no CNPJ;

d) cópia da cédula de identidade e do documento de inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas do representante legal;

IV - procuração firmada por instrumento público com poderes específicos para a prática do ato, no caso de requerimentos subscritos por procurador constituído pelo proprietário;

V - certidão negativa de débitos tributários imobiliários expedida pela Secretaria Municipal de Finanças e, ainda, certidão negativa de débitos de imóvel rural, no caso de imóveis sujeitos à incidência do Imposto Territorial Rural;

VI - cópia do Certificado de Cadastro de Imóvel Rural – CCIR, se imóvel rural;

VII - memorial descritivo e planta da área total do imóvel, assinados por profissional habilitado e com a devida Anotação de Responsabilidade Técnica – ART, contendo: os limites; os

confrontantes; a área a ser reconhecida como RPPN, quando parcial; a localização da propriedade no município ou região e as coordenadas dos vértices definidores dos limites do imóvel e da área proposta como RPPN, georreferenciadas de acordo com o Sistema Geodésico Brasileiro, e com indicação da base cartográfica utilizada;

VIII - declaração do proprietário de que sobre o imóvel não recaem autos de infração de natureza ambiental não quitados ou compensações ambientais pendentes de adimplemento, inclusive referentes a penalidades aplicadas ou compromissos estabelecidos por outros entes da federação.

A seguir a documentação apresentada pelo requerente:

- I. Requerimento de criação de RPPN (114014581 e 114014601;
- II.a. Cédula de Identidade e CPF do proprietário (113920412)
- III. Não aplicável, pois trata-se de proprietário pessoa física;
- IV. Não aplicável, pois o requerente é um dos proprietários e detém anuência dos demais, conforme documentos: 114014641, 114014655, 114014665 e 114014687;
- V. Certidão negativa de débitos de imóvel rural (114015212), Declaração do ITR (114015238), Matrícula de Registro do Imóvel com Certidão Negativa de Ônus Reais emitida pelo Cartório de Registro de Imóveis (114014474 e 114014491);
- VI. CCIR (115688787 e 116788872);
- VII. Memorial descritivo (114015168), planta (PDF 114014718 e GPKG 114015189).
- VIII. Declaração apresentada em 119992804.

Com essa documentação, procedemos na análise do Art. 2º do referido Decreto, a saber:

Art. 2º. A Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN é unidade de conservação constituída por área de posse e domínio exclusivamente privados, criada a partir da instituição de gravame de caráter perpétuo constante de termo de compromisso firmado com o órgão ambiental e averbado à margem da inscrição no Registro Público de Imóveis, com o objetivo de assegurar a conservação da diversidade biológica, ficando o uso da área restrito às atividades de pesquisa científica e visitação com objetivos turísticos, recreativos e educacionais.

§ 1º. A área da RPPN deverá corresponder a, no mínimo, 20% (vinte por cento) da área total do imóvel.

§ 2º. Quando o somatório das Áreas de Preservação Permanente – APP e da Reserva Legal previstas na [Lei Federal nº 4.771, de 15 setembro de 1965](#), corresponder a mais de 70% da extensão total do imóvel, a RPPN poderá, a critério do proprietário, situar-se inteiramente nos limites destas áreas.

§ 3º. Quando não atingido o percentual indicado no § 2º deste artigo, a RPPN deverá ter seus limites situados fora das Áreas de Preservação Permanente – APP e da Reserva Legal em extensão correspondente a pelo menos 10% da área total do imóvel.

§ 4º. Não será reconhecida RPPN em imóvel sobre o qual recaiam autos de infração de natureza ambiental não quitados ou compensações ambientais pendentes de adimplemento.

As análises foram aferidas com base no material cartográfico enviado:

- §§ 1º, 2º e 3º atendidos: a área da RPPN corresponde a 100% do imóvel, conforme Quadro 1;
- § 4º, **a ser aferido por CFA e CLA.**

Tendo a documentação acima examinada conforme estabelece o Art. 3º do Dec. 50.912/09, entendemos que o requerente atendeu ao Inciso I do Art.º 4º, e o presente **Parecer é Favorável** a continuidade do procedimento de análise do pedido de reconhecimento de RPPN, sub censura de SVMA-AJ, pela competência.

Recomendamos, portanto, **envio do presente à CLA e CFA**, visando cumprir o Inciso II do

referido Artigo, que trata de manifestação sobre a "*existência de autos de infração de natureza ambiental, de termos de ajustamento de conduta ou de compromisso ambiental que recaiam sobre o imóvel a ser transformado em RPPN*".

No caso de inexistência manifesta pelos respectivos órgãos competentes, o processo poderá em seguida ser submetido a análise de CGPABI, visando cumprir os incisos III, IV e V do mesmo artigo.

Att,



Rodrigo Martins dos Santos
Diretor(a) de Divisão Técnica
Em 17/02/2025, às 17:58.



Maria Claudia de Oliveira
Profissional de Engenharia, Arquitetura, Agronomia e Geologia
Em 17/02/2025, às 18:02.



Otávio Prado
Profissional de Engenharia, Arquitetura, Agronomia e Geologia
Em 17/02/2025, às 18:38.



Susan Alves Bezerra Silva
Gestor(a) de Equipamento Público I
Em 17/02/2025, às 18:40.



Ana Lucia Martins
Analista de Meio Ambiente
Em 17/02/2025, às 22:30.



Camila Meyer
Arquiteto(a)
Em 18/02/2025, às 10:57.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://processos.prefeitura.sp.gov.br>, informando o código verificador **114014759** e o código CRC **E9CFE84E**.

**Relatório de caracterização da vegetação e da flora da futura RPPN Eco dos Bugios,
APA Bororé-Colônia, Distrito Grajaú**

Processo SEI nº: 6027.2024/0029390-3

Equipe técnica: Biól. Eduardo Hortal Pereira Barretto; Biól. Ricardo José Francischetti Garcia

Trata este relatório de caracterização da flora e da vegetação da futura RPPN Eco dos Bugios, em atendimento à solicitação constante no Processo Administrativo nº 6027.2024/0029390-3.

1. Metodologia

Para elaboração deste relatório, foi realizada vistoria ao local no dia 09 de abril de 2025, acompanhados por equipe de DGUC, ocasião em que foram coletadas amostras botânicas (essencialmente férteis) e realizados registros fotográficos. As amostras botânicas foram prensadas, secas em estufa e identificadas com auxílio de lupas estereoscópicas e bibliografia específica – e serão posteriormente incorporadas ao acervo do Herbário Municipal de São Paulo (PMSp). As espécies registradas foram classificadas em relação ao hábito (árvore, arbusto, erva, etc.), origem (nativas do município de São Paulo, exóticas, invasoras, etc.) e grau de ameaça (Resolução SMA nº 57/2016 e Portaria MMA nº 148/2022). A vegetação foi classificada segundo critérios fisionômicos e florísticos.

2. Resultados

i. Florística

Foram registradas 140 espécies vasculares (130 Angiospermas, 3 Gimnospermas e 7 Pteridófitas), sendo 97 nativas do município de São Paulo, 1 de origem duvidosa e 42 exóticas, das quais 12 são consideradas invasoras (Anexo 01). Assim, quanto à riqueza de espécies, a área apresenta proporção mediana de espécies nativas (69,2%).

Dentre as nativas, 4 espécies (4%) encontram-se listadas como espécies ameaçadas de extinção, em nível nacional e estadual: *Euterpe edulis* (palmito-juçara), *Cedrela fissilis* (cedro), *Araucaria angustifolia* (pinheiro-do-paraná) e *Dicksonia sellowiana* (xaxim).

Também dentre as espécies nativas, 4 (4%) são consideradas raras¹ no município de São Paulo: *Nematanthus gregarius*, epífita de mata atlântica e endêmica do estado de São Paulo; *Spigelia*

¹ Foi considerada espécie rara aquela que possui registro em até 3% das localidades com levantamento de flora no município de São Paulo, ou seja, 6 locais dentre 226 com dados de flora vascular.

beyrichiana, erva de mata atlântica; *Polystachya* sp., epífita; e *Dicksonia sellowiana*, feto arborescente, ambas na área ajardinada.

ii. Vegetação/fitofisionomias

As fitofisionomias observadas na RPPN foram “Floresta Ombrófila Densa secundária em estágio inicial a médio de regeneração”, “Bosque heterogêneo”, “Área ajardinada e de cultivo”, “vegetação pioneira”[borda da represa] (Figura 01).

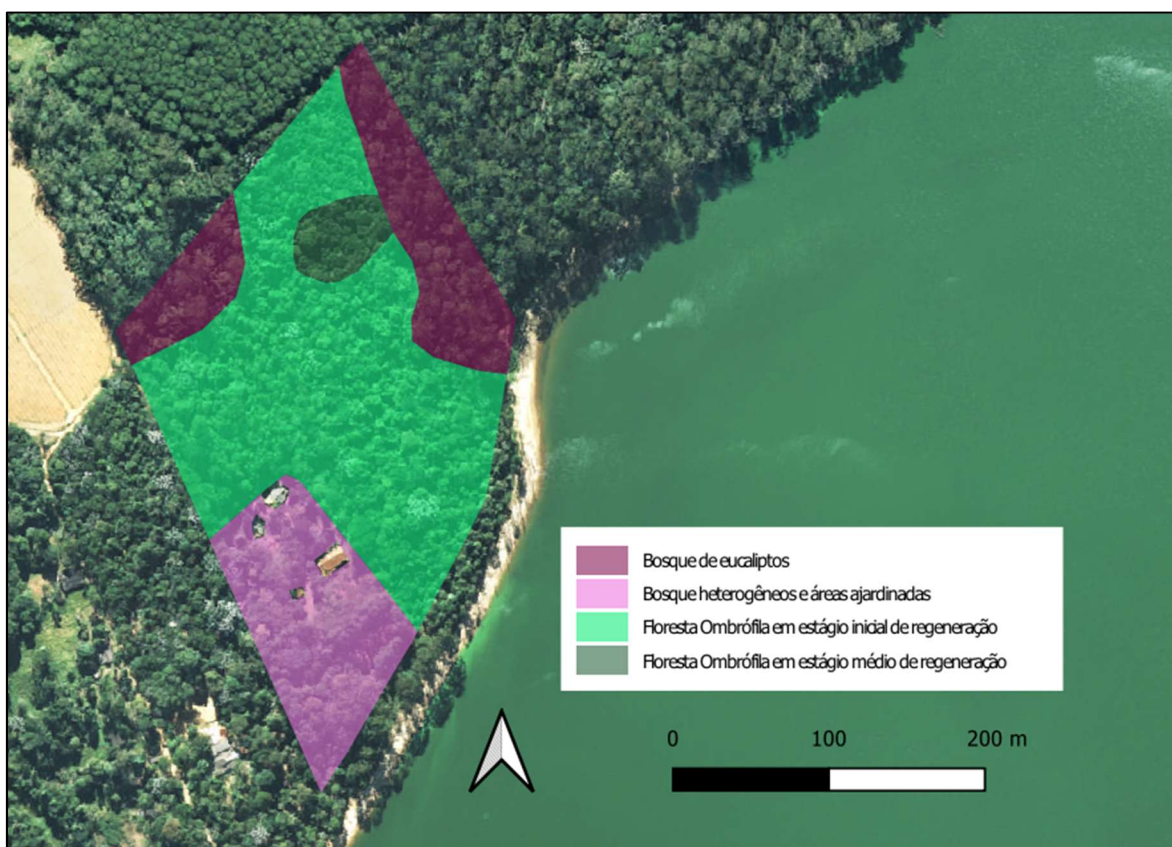


Figura 01. Classificação da vegetação da futura RPPN Eco dos Bugios.

3. Considerações sobre conservação da flora e vegetação

A vegetação da propriedade em questão possui remanescentes de Mata Atlântica em estágio inicial e médio de regeneração que abrigam espécies nativas, sendo 4 ameaçadas de extinção e 4 espécies consideradas raras. Forma uma importante conexão entre vizinha U.C. Castanheiras e demais fragmentos da borda da Represa Billings. A área também apresenta espécies reportadas como importantes para a alimentação de bugios (Garcia et al. 2014), bem como componentes para manutenção desta espécie (trepadeiras, bromélias-tanque e árvores em diferentes alturas). Cabe

ressaltar, que na Fazenda Castanheiras, a SVMA desenvolveu trabalho para conservação de bugios, constituindo em importante região para a conservação desta espécie. Por todos esses aspectos, consideramos que a propriedade possui atributos para criação de uma RPPN.

Em relação a medidas de manejo e conservação da flora, recomendamos:

1. Remoção e controle das espécies exóticas invasoras em toda a propriedade (como *Philodendron hederaceum*, *Pinus elliottii*, *Pittosporum undulatum*, *Syngonium podophyllum*).
2. Para toda intervenção de plantio (enriquecimento florístico) é fundamental a utilização de espécies nativas do município de São Paulo.

4. Bibliografia

BRASIL. 2022. Portaria MMA nº 148, de 07 de junho de 2022. Anexo 1. Diário Oficial da União 08/06/2022. Edição 108. Seção 1. Página 74.

GARCIA, R.J.F.; HONDA, S.; FRIES, B.G. 2014. Estudo florístico de segmento de Mata Atlântica em Parelheiros, São Paulo, SP, para soltura de bugio-ruivo *Alouatta clamitans* (Cabrera, 1940). Revista do Instituto Florestal 26 (1): 71-87.

SÃO PAULO (ESTADO). 2016. Resolução SMA - 57, de 5-6-2016. Diário Oficial Poder Executivo - Seção I São Paulo, 126 (120): 5-57.

Anexo 01. Lista de espécies vasculares registradas na futura RPPN Eco dos Bugios.

Fonte de dados: **Hábito:** ae: arbusto escandente; arb: arbusto; árv: árvore ($\geq 4m$); avt: arvoreta ($< 4m$); b: bambu; dr: dracenoide; eb: erva com bulbos, cormos ou túberas; eces: erva cespitosa; ee: erva ereta; ep: epífita; era: erva rastejante, reptante, sarmentosa ou estolonífera; eriz: erva rizomatosa e pteridófitas c/ caule horizontal; fa: feto arborescente; he: hemiepífita; pu: palmeira com estipe único; suba: subarbusto; tr: trepadeira. **Origem:** n: espécies nativas do município de São Paulo; d: existe dúvida se a espécie é nativa no município; c: espécies exóticas cultivadas; s: espécies exóticas subespontâneas (propagação espontânea); i: espécies exóticas invasoras. **Status de Conservação:** espécies ameaçadas de extinção: EN: em perigo, VU: vulnerável, seguido de BR (lista nacional Brasil, 2022) ou SP (lista estadual, São Paulo, 2016). **LOCAL:** AA: área ajardinada; br: borda de represa; M: mata e bosque heterogêneo. **Observações:** alimento para bugio (Garcia et al. 2014): bf: brotos foliares; fo: folhas, fr: frutos; s: sementes; d: dessedentação; []: provável.

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
ANGIOSPERMAS					
ACANTHACEAE					
<i>Pachystachys lutea</i> Nees	camarão-amarelo	arb	c		AA
<i>Ruellia brevifolia</i> (Pohl) C.Ezcurra	pingo-de-sangue	suba	n		AA
ANNONACEAE					
<i>Guatteria australis</i> A.St.-Hil.	pindaíba	árv	n		M; fr
APOCYNACEAE					
<i>Plumeria rubra</i> L.	jasmim-manga	avt	c		AA
<i>Macropharynx peltata</i> (Vell.) J.F.Morales & M.E.Endress	cipó-bênção	tr	n		M
ARACEAE					
<i>Anthurium andraeanum</i> Linden ex André	antúrio	ee	c		AA
<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	caládio, tinhorão	eriz	c		AA

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
<i>Dieffenbachia</i> sp.	comigo-ninguém-pode	ee	c		AA
<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	jiboia	tr	i		AA
<i>Heteropsis salicifolia</i> Kunth		he	n		M
<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	costela-de-adão, banana-de-macaco	he	i		AA
<i>Philodendron erubescens</i> K.Koch & Augustin	filodendro-roxo	tr	c		AA
<i>Philodendron hederaceum</i> (Jacq.) Schott	filodendro-pendente	tr	i		AA
<i>Philodendron propinquum</i> Schott		he	n		M
<i>Philodendron</i> sp.	filodendro	tr	n		M
<i>Spathiphyllum wallisii</i> Regel	lírio-da-paz	eriz	c		AA
<i>Syngonium podophyllum</i> Schott	singônio	he	i		AA
<i>Thaumatococcus bipinnatifidum</i> (Schott ex Endl.) Sakur., Calazans & Mayo	guaimbé, costela-de-adão	he	n		AA
ARALICEAE					
<i>Heptapleurum actinophyllum</i> (Endl.) Lowry & G.M.Plunkett	árvore-polvo	árv	i		AA
ARECACEAE					

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	palmito-jussara	pu	n	VUBR, VUSP	M
<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien	tamareira-anã	pu	c		AA
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	jerivá	pu	n		M; fr
ASPARAGACEAE					
<i>Cordyline fruticosa</i> (L.) A.Chev.	coqueiro-de-vênus, cordiline-vermelha	dr	c		AA
<i>Dracaena marginata</i> Lam.	dracena	dr	c		AA
<i>Furcraea selloa</i> K.Koch	piteira	dr	i		AA
<i>Yucca</i> sp.	iúca	dr	c		AA
ASTERACEAE					
<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	quitoco, madre cravo	ee	n		br
<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	vedélia, mal-me-quer	era	n		br
BIGNONIACEAE					
<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	ipê-amarelo	avt	n		M
<i>Handroanthus</i> sp.	ipê	árv	n		AA
BROMELIACEAE					
<i>Tillandsia</i> sp.	bromélia	ep	n		M

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
<i>Vriesea bituminosa</i> Wawra	bromélia	ep	n		M; [d]
<i>Vriesea carinata</i> Wawra	bromélia	ep	n		M; d
<i>Vriesea philippocoburgii</i> Wawra	bromélia	ep	n		M; [d]
BUXACEAE					
<i>Buxus sempervirens</i> L.	buxo	arb	c		AA
CACTACEAE					
<i>Rhipsalis teres</i> (Vell.) Steud.	ripsális	ep	n		AA
CANNABACEAE					
<i>Celtis spinosissima</i> (Weed.) Miq.		ae	n		M
CARDIOPTERIDACEAE					
<i>Citronella paniculata</i> (Mart.) R.A.Howard	falsa-congonheira	avt	n		M
CARICACEAE					
<i>Jacaratia heptaphylla</i> (Vell.) A.DC.	jaracatiá, mamãozinho	árv	n		M
COMMELINACEAE					
<i>Dichorisandra paranaensis</i> D.Maia, Cervi & Tardivo		ee	n		M
CORDIACEAE					
<i>Cordia ecalyculata</i> Vell.	café-do-mato	árv	n		M
CYPERACEAE					

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
<i>Rhynchospora</i> sp.		eces	n		M
ELAEOCARPACEAE					
<i>Sloanea hirsuta</i> (Schott) Planch. ex Benth.	sapopemba, carrapicheiro	avt	n		M
ERICACEAE					
<i>Rhododendron indicum</i> (L.) Sweet var. <i>simsii</i> (Planch.) Maxim.	azaleia	arb	c		AA
EUPHORBIACEAE					
<i>Acalypha herzogiana</i> Pax & K.Hoffm.	rabo-de-gato	ee	c		AA
<i>Alchornea sidifolia</i> Müll.Arg.	tapiá-guaçu	árv	n		M; fo
<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss.	cróton	avt	c		AA
FABACEAE					
<i>Calliandra</i> sp.	caliandra	arb	c		AA
<i>Cenostigma pluviosum</i> (DC.) Gagnon & G.P.Lewis var. <i>peltophoroides</i> (Benth.) Gagnon & G.P.Lewis	sibipiruna	árv	c		AA
<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) Blake	guapuruvu	árv	n		M
<i>Schnella</i> sp.	escada-de-macaco	tr	n		M
<i>Senna macranthera</i> (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby	manduirana	avt	n		M

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
GESNERIACEAE					
<i>Nematanthus gregarius</i> D.L.Denham	peixinho	ep	n		AA; rara
HELICONIACEAE					
<i>Heliconia farinosa</i> Raddi	helicônia, bananeirinha	eriz	n		AA
HYDRANGEACEAE					
<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	hortênsia	arb	c		AA
HYPOXIDACEAE					
<i>Hypoxis decumbens</i> L.	falsa-tiririca	eb	n		AA
LAMIACEAE					
<i>Mesosphaerum sidifolium</i> (L'Hér.) Harley & J.F.B.Pastore	hortelã-brava	ee	n		br
LAURACEAE					
<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F.Macbr.	canela-peluda	árv, avt	n		M
<i>Nectandra oppositifolia</i> Nees & Mart.	canela-ferrugem	árv	n		M
<i>Ocotea dispersa</i> (Nees & Mart.) Mez	canelinha	árv	n		M
<i>Ocotea glaziovii</i> Mez	canela	árv	n		M
<i>Ocotea teleiandra</i> (Meisn.) Mez	canela	árv, avt	n		M
<i>Persea americana</i> Mill.	abacateiro	árv	s		AA

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
LOGANIACEAE					
<i>Spigelia beyrichiana</i> Cham. & Schltl.		ee	n		M; rara
MAGNOLIACEAE					
<i>Magnolia ovata</i> (A.St.-Hil.) Spreng.	pinha-do-brejo, baguaçu	árv	n		M
MALVACEAE					
<i>Malvaviscus arboreus</i> Cav.	malvavisco	arb	c		AA
<i>Pseudobombax grandiflorum</i> (Cav.) A.Robyns	embiruçu	árv	n		M; frequente
<i>Triumfetta semitriloba</i> Jacq.	carrapicho	arb	n		M
MARANTACEAE					
<i>Ctenanthe lanceolata</i> Petersen		eriz	n		M
<i>Ctenanthe setosa</i> (Roscoe) Eichler	maranta-cinza	eriz	d		AA
<i>Goeppertia monophylla</i> (Vell.) Borchs. & S.Suárez	caetê	eriz	n		M; frequente
MELASTOMATACEAE					
<i>Leandra melastomoides</i> Raddi	cambará-do-mato, pixirica	arb	n		M
<i>Leandra variabilis</i> Raddi	pixirica	arb	n		M
<i>Miconia formosa</i> Cogn.	cabuçu	árv	n		M; s
<i>Pleroma granulosum</i> (Desr.) D.Don	quaresmeira	árv	c		AA

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
MELIACEAE					
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	cedro	árv	n	VUBR, VUSP	M; bf, fo
MONIMIACEAE					
<i>Mollinedia schottiana</i> (Spreng.) Perkins	espinheira-santa, guatambu-langanha	avt	n		M
MORACEAE					
<i>Ficus benjamina</i> L.	figueira-benjamim	árv	c		AA
<i>Ficus elastica</i> Roxb. ex Hornem.	falsa-seringueira	árv	c		AA
<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W.C.Burger et al.	cega-olho, espinheira-santa	avt	n		M
MUSACEAE					
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	bananeira	eriz	c		AA
MYRTACEAE					
<i>Campomanesia phaea</i> (O.Berg) Landrum	cambuci	árv	n		M
<i>Campomanesia</i> sp.	guabiroba	árv	n		M
<i>Eucalyptus</i> sp.	eucalipto	árv	c		M; frequente
<i>Eugenia cerasiflora</i> Miq.	guamirim	árv, avt	n		M
<i>Eugenia dodonaeifolia</i> Cambess.		árv	n		M

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
<i>Eugenia excelsa</i> O.Berg		árv	n		M
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitangueira	árv, avt	n		M
<i>Eugenia verticillata</i> (Vell.) Angely	guamirim	árv	n		M
<i>Myrceugenia myrcioides</i> (Cambess.) O.Berg		árv, avt	n		M
<i>Myrcia anacardiifolia</i> Gardner	guamirim	avt	n		M
<i>Myrcia glomerata</i> (Cambess.) G.P.Burton & E.Lucas		árv, avt	n		M
<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	cumaté, guamirim	árv, avt	n		M
NYCTAGINACEAE					
<i>Bougainvillea</i> sp.	primavera	tr	c		AA
<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	maria-mole	árv	n		M; s
ONAGRACEAE					
<i>Ludwigia</i> sp.	cruz-de-malta	ee	n		br
ORCHIDACEAE					
<i>Gomesa flexuosa</i> (Lodd.) M.W.Chase & N.H.Williams	orquídea	ep	n		AA
<i>Polystachya</i> sp.	orquídea	ep	n		AA; rara
PIPERACEAE					

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
<i>Piper cernuum</i> Vell.	pariparoba	arb	n		M
<i>Piper richardiifolium</i> Kunth	jaborandi	arb	n		M
<i>Piper umbellatum</i> L.	caapeba, pariparoba	arb	n		AA
PITTOSPORACEAE					
<i>Pittosporum undulatum</i> Vent.	pitósporo	avt	i		M
PLANTAGINACEAE					
<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassourinha	suba	n		br
POACEAE					
<i>Olyra glaberrima</i> Raddi	bambuzinho, taquarinha	eces	n		M
<i>Paspalum</i> sp.	grama	eriz, eces	n		AA
<i>Phyllostachys aurea</i> Carrière ex Rivière & C.Rivière	bambu-japonês	b	i		AA
<i>Rugoloa pilosa</i> (Sw.) Zuloaga		era	n		M
POLYGALACEAE					
<i>Senega paniculata</i> (L.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott	bromil	ee	n		br
POLYGONACEAE					
<i>Coccoloba arborescens</i> (Vell.) R.A.Howard		ae	n		M
PRIMULACEAE					

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	capororoca	árv, avt	n		M; fr
ROSACEAE					
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	nespereira	avt	i		AA
<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	framboesa-silvestre	ee	i		AA
RUBIACEAE					
<i>Bathysa australis</i> (A.St.-Hil.) K.Schum.	caá-açu, orelha-de-elefante	árv	n		M; frequente
<i>Borreria capitata</i> (Ruiz & Pav.) DC.	poaia-do-campo	suba	n		br
<i>Chomelia brasiliiana</i> A.Rich.		arb	n		M
<i>Coffea arabica</i> L.	caféiro	avt	i		AA
RUTACEAE					
<i>Citrus</i> sp.		avt	c		AA
<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	guarantã	árv	c		AA
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	mamica-de-porca	árv	n		M
SALICACEAE					
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	guaçatonga	árv	n		M; fo
SAPINDACEAE					
<i>Allophylus petiolulatus</i> Radlk.	fruta-de-pombo	avt	n		M

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	camboatá	árv	n		M
<i>Matayba</i> sp.	camboatá, mataíba	árv	n		M
n.i.		tr	n		M
SMILACACEAE					
<i>Smilax</i> sp.		tr	n		M
SOLANACEAE					
<i>Cestrum bracteatum</i> Link & Otto	coerana	arb	n		M
THEACEAE					
<i>Camellia</i> sp.	camélia	arb	c		AA
URTICACEAE					
<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	embaúba-prateada	árv	n		M; fr
<i>Urera</i> sp.	urtiga	arb	n		M
VIOLACEAE					
<i>Anchietea pyrifolia</i> (Mart.) G.Don	cipó-suma, piraguaia	ae	n		M
GIMNOSPERMAS					
ARAUCARIACEAE					
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	pinheiro-do-paraná	árv	n	ENBR, ENSP	M; bf, s

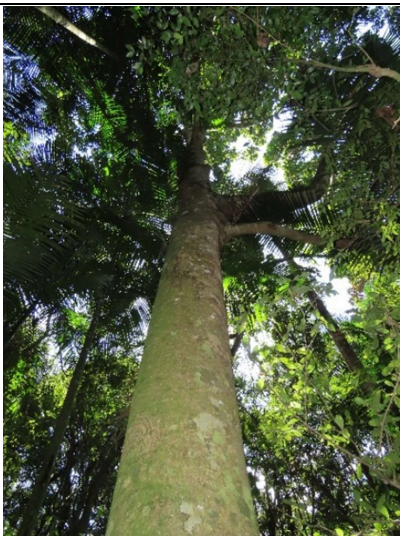
Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Herbário Municipal

GRUPO / FAMÍLIA / Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	Status de conservação	LOCAL/ Observações
<i>Araucaria heterophylla</i> (Salisb.) Franco	pinheiro-de-norfolk	árv	c		AA
PINACEAE					
<i>Pinus elliottii</i> Engelm.	pínus	árv	i		AA
PTERIDÓFITAS					
CYATHEACEAE					
<i>Alsophila setosa</i> Kaulf.	samambaiçu	fa	n		M
<i>Cyathea atrovirens</i> (Langsd. & Fisch.) Domin	samambaiçu-com-espinho	fa	n		M
<i>Cyathea delgadii</i> Sternb.	samambaiçu	fa	n		M
DICKSONIACEAE					
<i>Dicksonia sellowiana</i> Hook.	xaxim	fa	n	ENBR, VUSP	AA; rara
POLYPODIACEAE					
<i>Campyloneurum atlanticum</i> R.C.Moran & Labiak		ep	n		M
<i>Pleopeltis hirsutissima</i> (Raddi) de la Sota		ep	n		M
<i>Serpocaulon catharinae</i> (Langsd. & Fisch.) A.R.Sm.		ep	n		M

Anexo 02. Registros fotográficos

	
<i>Magnolia ovata.</i>	Fruto de <i>Magnolia ovata</i>.
	
Mata. Componente herbáceo com predomínio de <i>Goeppertia monophylla</i>.	<i>Euterpe edulis</i>. Espécie ameaçada.
	
<i>Myrcia anacardiifolia</i>.	<i>Nectandra oppositifolia</i>.

	
Trecho da borda da represa em contato com a mata. Árvore mais alta: <i>Eucalyptus</i> sp.	<i>Vriesea carinata</i>. Grupo importante para dessedentação de bugios.
	
<i>Spigelia beyrichiana</i>. Espécie rara.	<i>Polystachya</i> sp. Espécie rara.

Biólogo Eduardo Hortal Pereira Barretto

Biólogo Ricardo José Francischetti Garcia

São Paulo, 22 de abril de 2025.



PREFEITURA DE SÃO PAULO

SECRETARIA MUNICIPAL DO VERDE E DO MEIO AMBIENTE

Núcleo Biologia

Rua do Paraíso, 387, - Bairro Paraíso - São Paulo/SP - CEP 04103-000

Telefone:

PROCESSO 6027.2024/0029390-3

Informação Técnica SVMA/CGPABI/DFS 1 N° 39/2025

SEI: 6027.2024/0029390-3

Assunto: Reconhecimento RPPN Eco dos Bugios – APA Bororé Colônia

Local: Estr. de Capuava Grande, 3130 - Jardim Recanto do Sol, São Paulo - SP, 04872-999

1 Objetivo

O presente relatório tem como objetivo apresentar o parecer técnico da Divisão da Fauna Silvestre acerca do processo de reconhecimento de RPPN em área limdeira ao Parque Natural Municipal Bororé,

O relatório também apresenta sugestões de manejo e propostas para o projeto do parque, baseadas na caracterização da fauna silvestre.

2 Metodologia

2.1 Área de estudo

A área da RPPN Eco dos Bugios possui aproximadamente 6,6332 hectares, faz divisa com a Represa Billings (Figura 1 e 2) e possui vegetação classificada como Floresta Ombrófila Densa secundária (Figura 3 e 4) e Bosque Heterogêneo (Relatório Herbário Municipal_2025, 124227989).

A RPPN Eco do Bugios possui alguns cachorros (Figura 5), sendo importante garantir que estes não acessem as áreas da mata.



Figuras 1 e 2. Margem da Represa Billings. Foto: Giovanni Balaton Pupin.





Figura 3 e 4. Vegetação de Mata Ombrófila Densa. Foto: Giovanni Balaton Pupin.



Figura 5. Canil. Foto: Giovanni Balaton Pupin.

2.2 Inventário preliminar da Fauna Silvestre

A caracterização da fauna silvestre da RPPN Eco dos Bugios foi realizada por meio de levantamento primário executado pela equipe da Divisão da Fauna Silvestre (DFS) em vistoria conjunta (DGUC, DFS e Herbário) ao imóvel.

A vistoria ocorreu no dia 09 de abril de 2025 das 10h14 às 12h57, totalizando 2 horas e 43 min de vistoria. O período abrangido não foi o ideal para levantamento faunístico, pois não contemplou o período de maior atividade da fauna. Durante o transecto foi percorrido 1,26 km (Figura 6), a uma velocidade inferior a 1km/h, durante o qual foram registradas todas as espécies de fauna observadas e/ou escutadas.

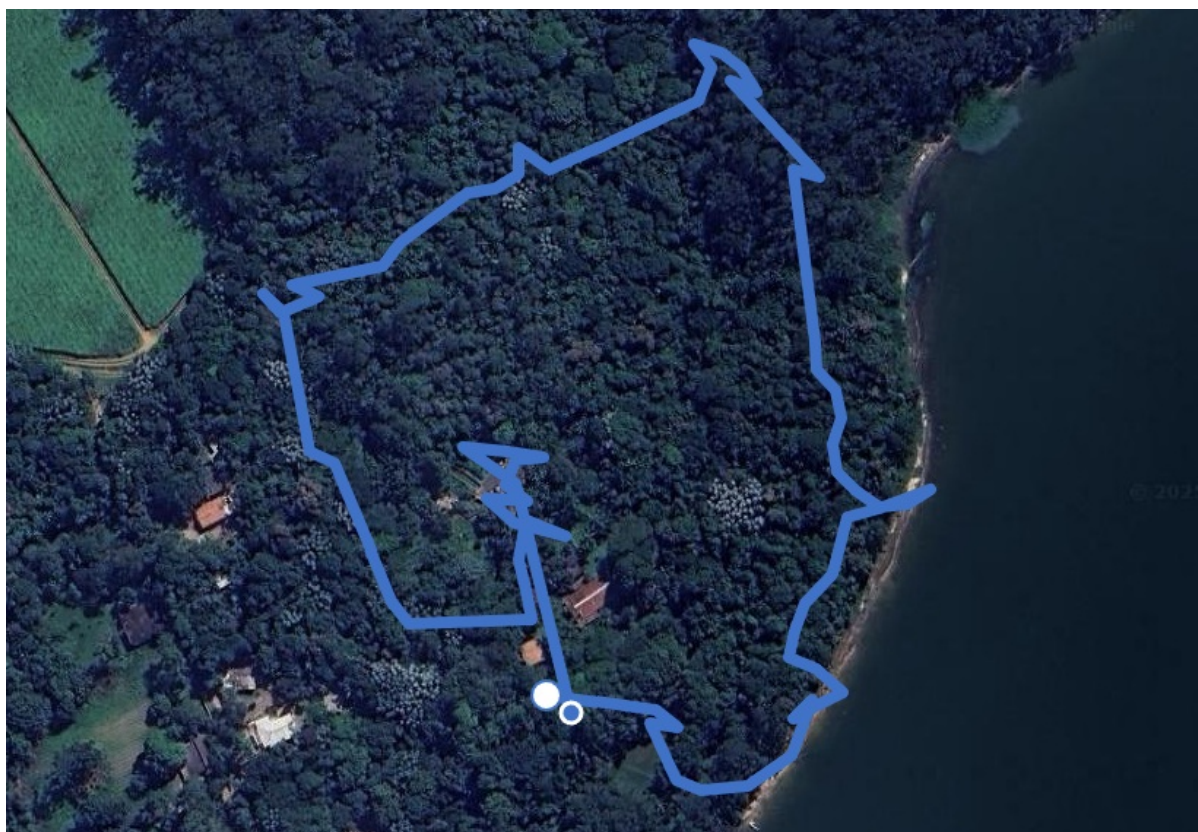


Figura 6. Imagem aérea da área da RPPN Eco dos Bugios, em azul o trajeto percorrido durante o levantamento de fauna. Imagem: Google Earth.

Os registros das espécies da fauna, sobretudo aves, foram realizadas ao longo do percurso, por meio do reconhecimento acústico e de observações, com auxílio de binóculos (COMET 8x42), câmera fotográfica (CANON SX70) e guias específicos (SIGRIST, 2014; WIKIAVES, 2025).

3 Fauna Silvestre

O levantamento preliminar faunístico apresentou 37 espécies da fauna silvestre [Anexo APÊNDICE 1 Inventário da Fauna da RPPN Eco dos Bugios/2025 (127037553)], entre aranhas de teia orbicular (03 espécies), borboletas (02), aves (30) e mamíferos (02). Destas, duas foram determinadas apenas a nível de gênero, as outras 35 espécies são nativas, sendo uma delas invasora, o sagui-híbrido (*Callithrix jacchus* x *Callithrix penicillata*) (Figura 7).



Figura 7. sagui-híbrido (*Callithrix jacchus* x *Callithrix penicillata*). Foto: Giovanni Balaton Pupin.

Quanto ao grau de endemismo, foram registradas seis espécies endêmicas da mata atlântica, sendo elas o beija-flor-de-fronte-violeta (*Thalurania glaucopis*), o arapaçu-rajado (*Xiphorhynchus fuscus fuscus*) (Figura 8), o pichororé (*Synallaxis ruficapilla*), o tangará (*Chiroxiphia caudata*), o tiê-preto (*Tachyphonus coronatus*), e o capitão-de-saíra (*Attila rufus*).



Figura 8. arapaçu-rajado (*Xiphorhynchus fuscus fuscus*). Foto: Giovanni Balaton Pupin.

Em relação ao grau de sensibilidade foram registradas 10 espécies de média sensibilidade e uma espécie de alta sensibilidade, sendo elas: pomba-asa-branca (*Patagioenas picazuro*), beija-flor-de-frente-violeta (*T. glaucopis*), pica-pau-de-cabeça-amarela (*Celeus flavescens flavescens*), arapaçu-verde (*Sittasomus griseicapillus sylvellus*), arapaçu-rajado (*Xiphorhynchus fuscus fuscus*), pichororé (*Synallaxis ruficapilla*) (Figura 9), bico-chato-de-orelha-preta (*Tolmomyias sulphurescens*), capitão-de-saíra (*Attila rufus*), enferrujado (*Lathrotriccus euleri*), mariquita (*Setophaga pitaiayumi*) e pula-pula (*Basileuterus culicivorus*).



Figura 9. pichororé (*Synallaxis ruficapilla*). Foto: Giovanni Balaton Pupin.

Não foram registradas espécies ameaçadas de extinção, contudo foram registradas duas espécies presentes no Apêndice II da lista CITES, que elenca as espécies que podem vir a entrar em ameaça de extinção caso o tráfico internacional não seja combatido, sendo elas o beija-flor-de-frente-violeta (*T. glaucopis*) e o carcará (*Caracara plancus*).

Além destas espécies, foi coletada uma concha de caramujo, aparentemente pertencente ao gênero *Helix* (Figura 10). O material foi enviado para o Laboratório de Fauna Sinantrópica da Divisão de Vigilância e Zoonoses (LabFauna/DVZ), caso a determinação se confirme, será o primeiro registro da espécie invasora para o Inventário da Fauna Silvestre Município.

Figura 10. Escargot verdadeiro (*Helix* sp.). Foto: Giovanni Balaton Pupin.

4 Recomendações e Sugestões

4.1 Diretrizes para o manejo das áreas

É fundamental destacar que o manejo das áreas verdes deve obedecer às diretrizes de proteção e recuperação das Unidades de Conservação. A função primordial dessas áreas verdes é a conservação da biodiversidade, garantindo condições adequadas para as espécies vegetais nativas e proporcionando à fauna silvestre os recursos essenciais: acesso, água, alimento e abrigo – os 'Quatro As'. É importante que as ações de manejo sigam as orientações da Divisão de Produção e Herbário Municipal (DPHM), da Divisão de Fauna Silvestre (DFS) e as diretrizes do Manual Cidade Amiga da Fauna (SÃO PAULO, 2024).

4.2 Categorização do território para os diferentes usos prevendo Áreas de Proteção e Recuperação Ambiental

As áreas verdes que compõem as margens da Represa Billings devem ser abordadas como um contínuo entre si. Para que seus objetivos sejam alcançados os territórios necessitam ser setorizados em áreas com usos definidos de modo prévio, como por exemplo, em áreas de preservação, recuperação e de uso público. Nas áreas de preservação e recuperação, que devem compor a maioria do território, o acesso ao público deve ser restrito, o manejo empregado deverá ser de baixa manutenção e com mínima intervenção, priorizando a conservação de habitats históricos. Nas áreas de recuperação, deve-se priorizar a restauração de áreas degradadas com foco em aumentar a complexidade dos ambientes, implementando o controle de espécies vegetais exóticas e invasoras, fazendo uso de ampla gama de espécies vegetais, nativas do Município e atrativas para fauna, com variadas formas de vida, de forma a ocupar todos os estratos.

Ressaltamos que as infraestruturas a serem instaladas devem respeitar as diretrizes do Manual Cidade Amiga da Fauna (SÃO PAULO, 2024). Assim, as áreas de preservação e recuperação não carecem de infraestruturas luminosas e elétricas, para que a fauna silvestre, principalmente aquela de hábitos noturnos, não evite circular pelas áreas. Toda a delimitação das áreas, como por exemplo, as cercas e gradis, precisam priorizar a livre movimentação da fauna ou que as direcionem para as passagens de fauna seguras.

4.3 Enriquecimento ambiental

Caso seja necessária a realização do enriquecimento ambiental de áreas degradadas, recomenda-se que o plantio seja planejado levando em consideração a estratificação e os períodos fenológicos das espécies vegetais visando a disponibilidade de recursos alimentares para a fauna durante todo o período do ano.

Além disso, recomenda-se que, sendo necessário o manejo, este seja criterioso e que priorize a manutenção da serrapilheira, o livre desenvolvimento dos diferentes estratos, a manutenção de árvores mortas e tronco caídos, pois servem de abrigo e/ou alimento para diversas formas de vida, possibilitando que se instalem e prosperem.

3.3 Ambientes Aquáticos

A água, como é amplamente reconhecido, é essencial para a vida. Os ambientes aquáticos, como rios, córregos, brejos, lagos naturais e até mesmo os artificiais, exercem grande atração sobre a fauna silvestre.

Dessa forma, os recursos hídricos devem ser mantidos em seu estado natural ou retornar para um estado o mais próximo do natural, prática conhecida como renaturalização.

Os ecossistemas aquáticos abrigam espécies especializadas, como saracuras, sanãs, anfíbios e mamíferos aquáticos, que estão intimamente associadas e dependem da vegetação característica desses ambientes. Assim, além de garantir o acesso pleno dos animais aos corpos d'água, é fundamental dedicar atenção à conservação e recomposição da vegetação nas suas margens, pois ela é responsável por criar as condições necessárias para o estabelecimento e a manutenção da fauna aquática.

Para a conservação da fauna silvestre, a vegetação ciliar deve ser composta por espécies nativas e apresentar uma variedade de formas de vida, como plantas herbáceas, arbustivas e arbóreas. Essa diversidade de estratos vegetais proporciona locais de nidificação e refúgio para várias espécies. No caso dos lagos, a vegetação ciliar deve ser preservada ao longo de toda a extensão do perímetro respeitando as Áreas de Preservação Permanente de no mínimo 30 metros. Em áreas com acesso à população, deve-se adotar áreas reservadas para tal, mantendo-se uma largura mínima de 5 metros de mata ciliar a partir da margem, sendo recomendável a instalação de passarelas elevadas. O manejo da vegetação deve ser limitado ao controle de espécies exóticas invasoras.

No caso da existência de lagos artificiais recomenda-se que o projeto de bombas de circulação seja corretamente dimensionado e se mantenham em pleno funcionamento. A área deve manter uma bomba reserva para assegurar a operação contínua do sistema, prevenindo interrupções por falhas ou danos nas bombas instaladas.

Além disso, é recomendada a elaboração e implementação de placas informativas em locais visíveis aos visitantes, orientando sobre a proibição de alimentar os animais e introduzir novos animais nos corpos d'água. Essa medida visa proteger a fauna silvestre que habita e utiliza os lagos.

As regiões alagadiças, como brejos, riachos e açudes, oferecem abrigo, alimento e refúgio, além de ser local de nidificação para a fauna. Dessa forma, é necessário manter essas regiões muito bem preservadas com sua vegetação nativa na borda para a manutenção dessa rica biodiversidade. Nessas áreas, para se propiciar o contato da população, deve-se priorizar a instalação de píeres em pontos estratégicos, permitindo assim que a vegetação ocupe a maior extensão da borda para que exerça seu papel ecológico.

As canalizações de rios e riachos impedem o acesso da fauna silvestre ao recursod'água e com isso diminuem a biodiversidade local. Quando construídos em forma de canalizações abertas constituem armadilhas mortais para os animais terrestres. Recomendamos que em áreas de risco, mesmo que fora das áreas da reserva, seja realizada a renaturalização dos recursos hídricos, bem como quando necessária, a instalação de lagoas de retenção e infiltração, similar ao projeto em implementação no Parque Linear Ribeirão Perus. Além disso, para melhorar a permeabilidade do solo, recomendamos a implementação de biovaletas, jardins de chuva e canteiros pluviais nos arredores dos parques.

4.5 Campos naturais

Os campos naturais geralmente são negligenciados, sobretudo os campos de cerrado, áreas de várzeas e capoeiras. Esses ambientes são essenciais para diversas formas de vida e devem ser resguardados a fim de se manter as suas características e a diversidade de fauna e flora. Nessas áreas é necessário um cuidado especial para realização de plantios e restaurações, sendo necessário consultar o DPHM.

4.6 Construção de Infraestruturas Amigas da Fauna

Toda a infraestrutura deve ser adequada, para causar o menor impacto sobre a fauna silvestre presente no local, no intuito de serem obras amigáveis e atrativas à fauna. Para isso, indicamos a adoção das Soluções Baseadas na Natureza e das diretrizes do Manual Cidade Amiga da Fauna nos projetos e na execução das obras. A seguir destacamos alguns elementos das infraestruturas que impactam à fauna.

4.6.1 Janelas, vidros e superfícies reflexivas

A colisão de aves em vidros é a segunda maior causa de mortalidade de aves causada por ações antrópicas no mundo (KLEM, 2010). No município de São Paulo, segundo os dados da Divisão da Fauna Silvestre (DFS), a colisão é um agravo importante que acomete a fauna silvestre e que merece atenção. Entre os anos 1992 e 2012, foram recebidos em DFS 224 aves silvestres vítimas de colisões (média mensal = 0,93 aves), sendo 54 (24,11%) dessas em vidraças, acometendo 52 espécies distintas (AGUIAR, 2014). Entretanto, entre os meses de outubro de 2016 e julho de 2017, observamos um considerável aumento no número de colisões, sendo recebidas 146 aves silvestres (média mensal = 14,6 aves) de 51 espécies diferentes. Infelizmente, sabe-se que trata de impacto bastante subestimado, pois a maioria dos casos não chegam ao nosso conhecimento, e cuja letalidade é extremamente alta, aproximadamente 90% das ocorrências de colisão em vidraças levam o animal a óbito.

Considerando o exposto e face a rica diversidade de aves que podemos encontrar nestas áreas, entende-se importante que o projeto preveja equipamentos ausentes de grandes superfícies de vidros ou outras superfícies transparentes ou reflexivas. No caso do uso dessas estruturas, o Manual Cidade Amiga da Fauna apresenta soluções de tratamento das superfícies que visam diminuir os riscos de colisão.

Lembramos que nenhuma das alternativas é completamente eficaz, sendo, por vezes, sugerida a combinação de duas ou mais alternativas para reduzir ainda mais a probabilidade de ocorrência de colisões.

4.6.2 Passagens de fauna e cercamento

Os atropelamentos de animais por veículos têm um impacto devastador na fauna silvestre, sendo as principais espécies afetadas o gambá-de-orelha-preta (*Didelphis aurita*), os saguis (*Callithrix* sp.), o veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*), o bugio-ruivo (*Alouatta guariba*), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), o teiú (*Salvator merianae*), a corujinha-do-mato (*Megascops choliba*) e o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*) (São Paulo, 2024). É necessária a realização de estudos estratégicos de redução de velocidade e mitigação de impactos. Ainda, devem ser previstos tipos de cercamentos que permitam a livre

passagem da fauna quando em fragmentos conectados.

4.6.3 Iluminação

Devido às funções ecológicas da área, deve-se utilizar a menor quantidade de iluminação artificial possível para que ela não interfira na funcionalidade da conservação da biodiversidade.

É essencial que as áreas destinadas à preservação e recuperação, se mantenham escuras, devendo ser previstas iluminação mínima somente voltada aos caminhos, quando de uso público, e que se mantenham desligadas durante o período de fechamento da RPPN.

É essencial que as luzes da RPPN não estejam direcionadas para a região de mata, próximos a vidraças e corpos d'água. Priorizar a iluminação das estruturas de uso público e caminhos.

Além disso, a iluminação deverá adotar o uso de lâmpadas amarelas (âmbar) de até 4.000 Kelvins e deverá estar direcionada aos caminhos e posicionadas abaixo da altura das copas das árvores (até 4 metros). As instalações luminosas podem prever áreas onde haja pouca movimentação com sistema de sensores de presença e que sejam desligados durante o período de fechamento do parque, a fim de evitar que a luminosidade contínua atrapalhe o ciclo circadiano dos animais e não iniba sua circulação, garantindo assim a saúde do meio ambiente ao redor.

4.6.4 Rede Elétrica

Os acidentes elétricos acometem com maior frequência animais de hábitos arborícolas, destacando-se saguis (*Callithrix* spp.), bugios-ruivos (*Alouatta guariba*), preguiças (*Bradypus variegatus*) e gambás-de-orelha-preta (*Didelphis aurita*), além de outras espécies que empoleiram na rede elétrica como os urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) e os gaviões-carijó (*Rupornis magnirostris*). Cerca de 92% dos animais que são eletrocutados não sobrevivem.

Para evitar esse tipo de agravo recomenda-se que as redes de distribuição primárias e secundárias aéreas sejam substituídas por redes primárias e secundárias subterrâneas, tanto nas áreas internas quanto nas vias ao redor e que conectam as áreas verdes.

4.7 Usos públicos incompatíveis com a proposta da RPPN

A RPPN Eco dos Bugios deve ser tratada como uma unidade de conservação, portanto, algumas atividades são incompatíveis com o seu uso, destacamos aqui os pipódromos, áreas de lazer destinadas para soltar pipas, e a entrada de animais domésticos, bem como cachorródromos, gatis ou estruturas similares. Obviamente tem impacto elevado toda atividade humana que reúna grande número de pessoas, como em shows e festivais, além da utilização de efeitos luminosos e emissão de som.

Nas áreas abertas e gramadas deverá ser priorizado o manejo rotativo e setorial, evitando a realização de roçagens frequentes em toda a sua extensão. Nas áreas em que ocorra a roçagem é indicado que se

mantenha a menos 10 centímetros de altura da vegetação para evitar dessecação e instabilidade do solo.

5 Encaminhamentos

A área apresenta condições ambientais adequadas para fins de conservação e está apta a se tornar uma Reserva Particular do Patrimônio Natural. Para subsidiar o prosseguimento das tratativas e do seu plano de manejo, o interessado deve providenciar a contratação de uma empresa especializada para realizar estudos mais aprofundados acerca da fauna local, em especial dos seguintes grupos: macro invertebrados aquáticos (EPT - Ephemeroptera, Plecoptera e Trichoptera, Lepdóptera (Borboletas e Mariposas), Ictiofauna, Herpetofauna, Avifauna e Mastofauna. É recomendável que se apresente um plano de trabalho para avaliação da suficiência amostral e técnicas de amostragem.

Os técnicos da Divisão da Fauna Silvestre estão à disposição para esclarecimento de dúvidas e discussões de propostas para a RPPN Eco dos Bugios.

Referências

AGUIAR, M. C. 2014. Colisão de aves em vidraças. São Paulo. 23 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Cidade de São Paulo - UNICID.

CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III. Geneva: 2025. Disponível em: <https://www.cites.org/eng/app/appendices.php>. Acesso em: 23 mai. 2023.

KLEM, D. Jr. 2010. Avian Mortality at Windows: The Second Largest Human Source of Bird Mortality on Earth. Proceedings of the Fourth International Partners in Flight Conference: Tundra to Tropics, p. 244-251.

SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Manual Cidade Amiga da Fauna. Portal da Prefeitura de São Paulo, Publicações SVMA, São Paulo, 2024.

SIGRIST, T. Guia de Campo: Avifauna Brasileira. 4. ed. São Paulo: Avis Brasilis, 2014. 608 p.

WIKIAVES. A Enciclopédia das Aves do Brasil, 2025. Disponível em: <http://www.wikiaves.com>.

São Paulo, 04 de junho de 2025.



Giovanni Balaton Pupin
Chefe de Equipe I
Em 04/06/2025, às 17:51.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://processos.prefeitura.sp.gov.br>, informando o código verificador **127035814** e o código CRC **5AF85BA3**.

COD_especie	Filo	Classe	Ordem	Família	Gênero	espécie	Subespécie	Autor	Nome Comum	Nome em Inglês	Natureza	Endemismo Mata Atlântica	Endemismo Brasil	Guilda Alimentar	Comportamento Migratório	Sensibilidade	Abundância Relativa	Grandes Dispersores de Sementes	Estado de SP (2018)	Brasil (2014)	Brasil (2022)	IUCN (2024-2)	CITES (2025) - válido a partir de 07/02/2025
AR29	Arthropoda	Arachnida	Araneae	Nephilidae	Trichonephila	clavipes		(Linnaeus, 1767)	aranha-tecedeira	Golden Orb Web Spider	NatBR	NL	ND	insetívoro	NL	NL	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL	
AR32	Arthropoda	Arachnida	Araneae	Araneidae	Argiope	argentata		(Fabricius, 1775)	aranha-de-Prata	Silver Argiope	NatBR	NÃO	NÃO	insetívoro	NÃO	NL	NL	NA	NL	NL	NL	NL	
AR38	Arthropoda	Arachnida	Araneae	Araneidae	Micrathena	sp.		Sundevall, 1833	aranha-tecedeira	Orb-weaving Spider	NA	NA	NA	insetívoro	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	
	Arthropoda	Insecta	Lepidoptera	Nymphalidae	Morpho	sp.		Fabricius, 1807	borboletas-azuis	Morpho Butterflies	NatBR	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	
IN389	Arthropoda	Insecta	Lepidoptera	Nymphalidae	Morpho	athena		Otero, 1966	borboleta-azulão-branco	Athena Morpho	NatBR	NL	ND	frugívoro	NL	NL	NL	NA	NL	NL	NL	NL	
AV32	Chordata	Aves	Columbiformes	Columbidae	Patagioenas	picazuro		(Temminck, 1813)	pomba-asa-branca	Picazuro Pigeon	NatALO	NÃO	NÃO	frugívoro	RES	M	C	NÃO	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV62	Chordata	Aves	Apodiformes	Apodidae	Chaetura	meridionalis		Hellmayr, 1907	andorinhão-do-temporal	Sick's Swift	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	MGT*	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
-	Chordata	Aves	Apodiformes	Trochilidae	Phaethornis	sp.		Swainson, 1827	NA	Hermit	NA	NA	NA	nectarívoro	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	
AV78	Chordata	Aves	Apodiformes	Trochilidae	Thalurania	glaucopis		(Gmelin, 1788)	beija-flor-de-fronte-violeta	Violet-capped Woodnymph	NatAUT	EndMA	NÃO	nectarívoro	RES	M	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	CITES-II
AV110	Chordata	Aves	Charadriiformes	Charadriidae	Vanellus	chilensis		(Molina, 1782)	quero-quero	Southern Lapwing	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	RES	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
	Chordata	Aves	Suliformes	Phalacrocoracidae	Nannopterum	brasilianum	brasilianum	(Gmelin, 1789)	biguá	Neotropic Cormorant	NatAUT	NÃO	NÃO	piscívoro/insetívoro	RES	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
	Chordata	Aves	Pelecaniformes	Ardeidae	Ardea	alba	egretta	Gmelin, 1789	garça-branca-grande	Great Egret	NatAUT	NÃO	NÃO	piscívoro/carnívoro	RES	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
	Chordata	Aves	Pelecaniformes	Ardeidae	Egretta	thula	thula	(Molina, 1782)	garça-branca-pequena	Snowy Egret	NatAUT	NÃO	NÃO	piscívoro/insetívoro	RES	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV162	Chordata	Aves	Cathartiformes	Cathartidae	Coragyps	atratus		(Bechstein, 1793)	urubu-preto	Black Vulture	NatAUT	NÃO	NÃO	necrófago	RES	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
	Chordata	Aves	Piciformes	Picidae	Celeus	flavescens	flavescens	(Gmelin, 1788)	pica-pau-de-cabeça-amarela	Blond-crested Woodpecker	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	RES	M	F	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV233	Chordata	Aves	Falconiformes	Falconidae	Caracara	plancus		(Miller, 1777)	carcará	Crested Caracara	NatAUT	NÃO	NÃO	carnívoro	RES	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	CITES-II
	Chordata	Aves	Passeriformes	Dendrocolaptidae	Sittasomus	griseicapillus	sylviellus	(Temminck, 1821)	arapaçu-verde	Olivaceous Woodcreeper	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	RES	M	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
	Chordata	Aves	Passeriformes	Dendrocolaptidae	Xiphorhynchus	fuscus	fuscus	(Vieillot, 1818)	arapaçu-rajado	Lesser Woodcreeper	NatAUT	EndMA	NÃO	insetívoro	RES	H	F	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV307	Chordata	Aves	Passeriformes	Furnariidae	Synallaxis	ruficapilla		Vieillot, 1819	pichororé	Rufous-capped Spinetail	NatAUT	EndMA	NÃO	insetívoro	RES	M	F	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV313	Chordata	Aves	Passeriformes	Pipridae	Chiroxiphia	caudata		(Shaw & Nodder, 1793)	tangará	Swallow-tailed Manakin	NatAUT	EndMA	NÃO	frugívoro	RES	L	C	NÃO	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV325	Chordata	Aves	Passeriformes	Tityridae	Pachyramphus	polychopterus		(Vieillot, 1818)	caneleiro-preto	White-winged Becard	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	MPR	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV338	Chordata	Aves	Passeriformes	Rhynchocyclidae	Tolmomyias	sulphurescens		(Spix, 1825)	bico-chato-de-orelha-preta	Yellow-olive Flycatcher	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	RES	M	F	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV365	Chordata	Aves	Passeriformes	Tyrannidae	Attila	rufus		(Vieillot, 1819)	capitão-de-saíra	Gray-hooded Attila	NatAUT	EndMA	EndBR	onívoro	RES	M	F	NÃO	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV372	Chordata	Aves	Passeriformes	Tyrannidae	Pitangus	sulphuratus		(Linnaeus, 1766)	bem-te-vi	Great Kiskadee	NatAUT	NÃO	NÃO	onívoro	MPR*	L	C	NÃO	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV389	Chordata	Aves	Passeriformes	Tyrannidae	Lathrotriccus	euleri		(Cabanis, 1868)	enferrujado	Euler's Flycatcher	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	MPR	M	F	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV399	Chordata	Aves	Passeriformes	Vireonidae	Cyclarhis	gujanensis		(Gmelin, 1789)	pitiguari	Rufous-browed Peppershrike	NatAUT	NÃO	NÃO	onívoro	RES	L	C	NÃO	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV405	Chordata	Aves	Passeriformes	Hirundinidae	Pygochelidon	cyanoleuca		(Vieillot, 1817)	andorinha-pequena-de-casa	Blue-and-white Swallow	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	RES	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV418	Chordata	Aves	Passeriformes	Turdidae	Turdus	leucomelas		Vieillot, 1818	sabiá-barranco	Pale-breasted Thrush	NatAUT	NÃO	NÃO	frugívoro/insetívoro	RES	L	C	NÃO	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV453	Chordata	Aves	Passeriformes	Parulidae	Geothlypis	aequinoctialis		(Gmelin, 1789)	pia-cobra	Masked Yellowthroat	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	RES	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV454	Chordata	Aves	Passeriformes	Parulidae	Setophaga	pitiayumi		(Vieillot, 1817)	mariquita	Tropical Parula	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	RES	M	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV459	Chordata	Aves	Passeriformes	Parulidae	Basileuterus	culicivorus		(Deppe, 1830)	pula-pula	Golden-crowned Warbler	NatAUT	NÃO	NÃO	insetívoro	RES	M	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV477	Chordata	Aves	Passeriformes	Thraupidae	Coereba	flaveola		(Linnaeus, 1758)	cambacica	Bananaquit	NatAUT	NÃO	NÃO	nectarívoro/insetívoro	RES	L	C	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV484	Chordata	Aves	Passeriformes	Thraupidae	Tachyphonus	coronatus		(Vieillot, 1822)	tiê-preto	Ruby-crowned Tanager	NatAUT	EndMA	NÃO	frugívoro/insetívoro	RES	L	C	NÃO	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
	Chordata	Aves	Passeriformes	Thraupidae	Thraupis	sayaca	sayaca	(Linnaeus, 1766)	sanhaço-cinzento	Sayaca Tanager	NatAUT	NÃO	NÃO	frugívoro/insetívoro	RES	L	C	NÃO	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
AV515	Chordata	Aves	Passeriformes	Thraupidae	Thraupis	palmarum		(Wied, 1821)	sanhaço-do-coqueiro	Palm Tanager	NatAUT	NÃO	NÃO	frugívoro/insetívoro	RES	L	C	NÃO	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL
MM27	Chordata	Mammalia	Primates	Cebidae	Callithrix	jacchus x Callithrix penicillata		NA	sagui híbrido	Black-pencilled x Common Marmoset	NatALOintlINV	NA	NA	frugívoro/insetívoro/gomívoro	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	
MM32	Chordata	Mammalia	Rodentia	Caviidae	Hydrochoerus	hydrochaeris		(Linnaeus, 1766)	capivara	Capybara	NatAUT	NÃO	NÃO	herbívoros	NA	NA	NA	NA	NL	NL	NL	IUCN-LC	NL

Campo	Descrição
Táxon	Se refere à unidade de classificação dos seres vivos dentro de um nível hierárquico como filo, classe, ordem, família e espécie. A classificação taxonômica para os Filos Mollusca e Arthropoda segue o Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil (UFRJ, 2021), para a Classe Osteichthyes segue Fricke, Eschmeyer e Van Der Laan (2022); Classe Amphibia segue Segalla <i>et al.</i> (2021); Classe Reptilia, Guedes, Entiauspe-Neto e Costa (2023); Classe Aves segue Pacheco <i>et al.</i> (2021) e Mammalia de acordo com Abreu <i>et al.</i> (2024). Espécies exóticas invasoras seguem a taxonomia adotada pelo Instituto Horus (2024). ID: código das espécies numeradas segundo sua ordem taxonômica dentro de cada Classe, resultando no número total de espécies registradas para o Município de São Paulo. São numeradas as espécies e as espécies identificadas até gênero no caso de não haver identificação até o nível espécie. Autor: sobrenome(s) do(s) autor(es) que descreveu a espécie pela primeira vez, com o ano de sua publicação. Nome comum: denominação pela qual a espécie é conhecida pela população, que pode variar de acordo com a região do país. Para anfíbios, répteis, aves e mamíferos seguem Haddad <i>et al.</i> (2013), Gonzalez <i>et al.</i> (2020), Pacheco <i>et al.</i> (2021) e Abreu <i>et al.</i> (2024), respectivamente. Para os demais grupos, referências diversas foram consultadas e ainda carecem de sistematização. Nome em inglês: denominação em inglês pela qual a espécies é conhecida pela população, que pode variar de acordo com a literatura consultada. Para anfíbios, répteis, aves e mamíferos seguem HADDAD et al., 2013, Uetz <i>et al.</i> (2023), Pacheco <i>et al.</i> (2021) e Paglia <i>et al.</i> (2012), respectivamente. Para os demais grupos, referências diversas foram consultadas e ainda carecem de sistematização. ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua denominação na literatura consultada. NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação. NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de espécie identificada até o nível do gênero ou exótica.
Natureza	Refere-se à origem ou à área de distribuição natural da espécie tomando como referência as informações de distribuição disponíveis no Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil (UFRJ, 2021), WikiAves (2024), dados de recebimento da Divisão da Fauna Silvestre e literatura científica. Espécies Exóticas Invasoras seguem listagem do Instituto Horus (2024). NatBR: Nativa do Brasil, espécie nativa do território brasileiro, sem conhecimento da distribuição exata no território. NatAUT: Nativa Autóctone, espécie nativa do território brasileiro, com ocorrência natural/histórica no Município de São Paulo. NatALO: Nativa Alóctone, espécie nativa do território brasileiro, sem ocorrência histórica no Município de São Paulo, que estabeleceu população no Município sem intervenção humana, provavelmente por mudança climática, mudança na fisionomia e/ou por expansão natural da espécie. Ex: Exótica, espécie de ocorrência natural e histórica de fora do território brasileiro, transportada e introduzida intencional ou acidentalmente pelo homem; Int: Introduzida, sem ocorrência histórica no Município de São Paulo, transportada e introduzida intencional ou acidentalmente pelo homem e que estabeleceu população no Município; Inv: Invasora, espécie alóctone ou exótica, considerada invasora ou com potencial invasor, ou seja, cujas características biológicas representam ameaça à biodiversidade, aos recursos genéticos e à saúde humana; ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua natureza na literatura consultada. NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação.
Endemismo Mata Atlântica	O endemismo refere-se às espécies que ocorrem exclusivamente em uma região geográfica, no caso, o Bioma Mata Atlântica. São consideradas endêmicas da Mata Atlântica as espécies da Classe Amphibia indicadas por Rossa-Feres <i>et al.</i> (2017); para Reptilia de acordo com Tozetti <i>et al.</i> (2017); em aves segue Vale <i>et al.</i> (2018) e Mammalia segue Abreu <i>et al.</i> (2024). Para Ordem Opiliones foram consideradas as espécies indicadas por DaSilva <i>et al.</i> (2011) EndMA: espécie endêmica da Mata Atlântica. NÃO: espécie não classificada como endêmica da Mata Atlântica. ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada. NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação. NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de espécie identificada até o nível do gênero ou exótica.
Endemismo Brasil	O endemismo refere-se às espécies que ocorrem exclusivamente em uma região geográfica, no caso, o território brasileiro. São consideradas endêmicas do Brasil segundo classificação no Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil (UFRJ, 2021), com exceção para Reptilia que segue Guedes, Entiauspe-Neto e Costa (2023), Classe Aves que segue Pacheco <i>et al.</i> (2021) e Mammalia que segue Abreu <i>et al.</i> (2024). EndBR: Endêmica do Brasil, espécie endêmica do território brasileiro. NÃO: espécie não classificada como endêmica do Brasil. ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada. NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação. NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de espécie identificada até o nível do gênero ou exótica.
Habitat	Habitat é o conjunto de circunstâncias físicas e geográficas que oferece condições favoráveis à vida e ao desenvolvimento de determinada espécie. O Filo Gastropoda segue a classificação do Catálogo Taxonômico de Boeger e Valim (2024). A Classe Arachnida ainda carece de sistematização e foram consultadas referências diversas: EU - Edificações urbanas; JA - jardins e ambientes urbanos externos; SE - Serra pilheira; MA - Fitofisionomias da Mata Atântica; AR - Arbustos; A Classe Osteichthyes segue clasificação de Fricke, Eschmeyer e Van Der Laan (2022): FW - Fresh Water, do inglês água doce; BK - Brackish, do inglês água salobra. A Classe Amphibia segue classificação de Rossa-Feres <i>et al.</i> (2017) relativas às fitofisionomias: FES - Florestas Estacionais; FOM - Floresta Ombrófila Mista; FRO - Floresta Ombrófila Densa; CA - Campos de Altitude. A Classe Reptilia segue a classificação de Marques et al. (2009): A - Áreas abertas; F - Áreas florestadas. Para Aves segue Stotz <i>et al.</i> (1996): F1 - Tropical lowland evergreen forest; F2 - Flooded tropical evergreen forest; F3 - River-edge forest; F4 - Montane evergreen forest; F5 - Elfin forest; F6 - Polylepis woodland; F7 - Tropical deciduous forest; F8 - Gallery forest; F9 - Southern temperate forest; F10 - Pine forest; F11 - Pine-oak forest; F12 - White sand forest; F13 - Palm forest; F14 -Mangrove forest; F15 - Secondary forest; N1 - Arid lowland scrub; N2 - Arid montane scrub; N3 - Semihumid/humid montane scrub; N4 -Cerrado; N5 - Campo grasslands; N6 - Low, seasonally wet grassland; N7 - Southern temperate grassland; N8 - Northern temperate grassland; N9 - Puna grassland; N10 - Paramo grassland; N11 - Riparian thickets; N12 - River island scrub; N13 - Pastures/agricultural lands; N14 -Second-growth scrub; A1 - Freshwater marshes; A2 -Saltwater/brackish marshes; A3 - Coastal sand beaches/mudflats; A4 - Coastal rockybeaches; A5 - Riverine sand beaches; A6 - Freshwater lakes and ponds; A7 - Alkaline lakes; A8 - Rivers; A9 - Streams; A10 - Bogs; A11 -Coastal waters; A12 - Pelagic waters; E - Edge (used as a modifier to particular habitats). Mammalia segue classificação por Biomas de Abreu et al. (2024): Am - Amazônia; MA - Mata Atlântica; Ce - Cerrado; Ca - Caatinga; Pt - Pantanal; Pp - Pampa; Mar - Marinho. ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada. NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação. NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de espécie identificada até o nível do gênero ou exótica.

Locomoção/Hábito	Indica o local preferencial da espécie para exercer as suas atividades, definidos para Arachnida, Amphibia, Reptilia e Mammalia. Para a Classe Arachnida, os habitos comportamentais de forrageamento são conhecidos por guildas de acordo com Höfer e Brescovit (2001): TAL - tecedoras de teia lençol; TAN - tecedoras de teia não orbicular; TAO - tecedoras de teia orbicular; TSN - tecedoras de teia noturnas; TSD - tecedoras de teia diurnas; CAD - caçadoras aéreas dirunas; CAC - corredoras aéreas; CNE - caçadoras de emboscadas aéreas; CSD - corredoras de solo diurnas; CCS - caçadoras sedentárias; CSN - corredoras de solo noturnas; PSN - perseguidoras de solo noturnas; CSE - emboscadas de alçapão. Amphibia, indicado como Hábito, segue Haddad; Toledo; Prado (2008): Ar - Arborícola, troncos e folhagens de árvores e arbustos; Te - Terrícola, solo ou em meio ao folhedo depositado no chão da floresta; Crip - Criptozóico, galerias ou pequenas cavidades naturais ou escavadas no solo e em barrancos; Reo - Reofilico, sobre pedras em pequenos riachos de corredeiras; Rup - Rupícola, finas lâminas de água que escoam sobre paredões rochosos; Aq - Aquático, ambiente aquático, geralmente próximo a plantas aquáticas. Reptilia, indicado como Substrato, segue Marques <i>et al.</i> (2009): Su - Subterrâneo; Ar - Arborícola; Te - Terrícola; Aq - Aquático, ambiente aquático. Para serpentes, especificamente, indicado como Habitat, segue Marques, Eterovic & Sazima (2019): Terrícola, ativa sobre o solo; Arborícola, ativa sobre a vegetação; Aquática, ativa na água; Subterrânea, ativa sob o solo e folhço. Mammalia, indicado como Locomoção, segue Abreu et al. (2024): Aq - Aquático; Ar - Arborícola, que vivem em árvores; Fs - Fossorial, que vivem em tocas; SA - Semi-aquático; Sc - Escansorial, que vivem tanto no estrato arbóreo quanto no chão; SF - Semi-fossorial; Te - Terrestre; Vo - Voador. ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada. NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação. NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de espécie identificada até o nível do gênero ou exótica.
Guilda Alimentar	A guilda alimentar ou guilda trófica é definida como um grupo de espécies, indiferente da afiliação taxonômica, que exploram a mesma classe de recursos alimentares de uma maneira similar. Também chamados de grupos funcionais alimentares (Functional Feeding Groups - FFG), são baseadas não só no tipo de recurso consumido, mas também nos mecanismos morfológicos e comportamentais de aquisição desses recursos. A definição da guilda alimentar varia entre autores e grupos estudados. Nesta publicação, estamos apresentando um trabalho preliminar de compilação em andamento, composto por referências e conhecimento acumulado ao longo dos anos. O objetivo não é apresentar uma lista definitiva, mas sim disponibilizar as informações existentes e aperfeiçoá-las conforme mais informações são sistematizadas para cada grupo. A família Formicidae segue classificação de Weiser e Kaspari (2006). Para a Classe Répteis foi utilizada como referência Marques et <i>al.</i> (2009). A Classe Mammalia, determinada como dieta, segue Abreu et al. (2024). Para a Classe Aves, as guildas foram determinadas a partir de informações de alimentação disponíveis no WikiAves (2022). Para os demais grupos, referências diversas foram consultadas e ainda carecem de sistematização. Detritívoro: também chamado de saprófago ou necrófago, é o animal que se alimenta de restos orgânicos (plantas ou animais mortos). Carnívoro: se alimenta predominantemente de outro animal vivo ou de pelo menos partes desse animal. Pode ser dividido em outras categorias, quando o animal é especializado no consumo de algum grupo específico ou parte específica de outro animal, como: Carcinófago - se alimenta de caranguejos; Hematófago - de sangue; Insetívoro - se alimenta predominantemente de insetos (incluído neste grupo os invertívoros, que se alimentam predominantemente de outros invertebrados); Malacófago - de moluscos; Mirmecófago - de formigas; Piscívoro - ou ictiófago, que se alimenta de peixes. Herbívor: se alimenta de matéria vegetal. Pode também ser dividido em outras categorias, quando o animal é especializado no consumo de alguma parte vegetal em específico, como: Frugívoro - que se alimentam dos frutos (no caso de Lepidoptera, frutas fermentadas, seiva, excrementos e exudados de plantas); Folívor - se alimentam das folhas; Granívoro - de gramíneas; Gomívoro - da goma exsudada; Nectarívoro: do néctar; Predador de semente - da semente; Xilófago - de madeira. Iliófago: ou bentófago, consome sedimentos acumulados no fundo dos corpos hídricos para se alimentar de pequenos seres, incluindo algas, crustáceos ou qualquer outra fonte de matéria orgânica que esteja misturada em meio às partículas deste material. Micófago: que se alimenta de fungos. Onívoro: que consomem alimentos de origem animal e vegetal, sem preferência. Perifítivoro: que se alimenta de algas, invertebrados e detritos por meio da raspagem de rochas e troncos. ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada. NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação. NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de espécie identificada até o nível do gênero ou exótica.
Comportamento Migratório	Classificação do comportamento migratório para as espécies da Classe Aves de acordo com Somenzari <i>et al.</i> (2018). MGT: Migratória, espécies com populações que se afastam de seus locais de reprodução de maneira regular e sazonal e retornam a cada estação reprodutiva. MPR: Parcialmente Migratória,espécies cuja população podem ser parte migratória, parte residente, dependendo da área de ocorrência. VAG: Vagante, espécies com ocorrência ocasional e localizada no território brasileiro, em sua maioria com registros de indivíduos isolados. RES: Residentes, espécies que ocupam a mesma área o ano todo ou não possuem padrão de deslocamento previsível, sem fidelidade a um sítio reprodutivo específico. ND: Não Definido, espécies com pouca ou nenhuma informação disponível, ou com dados conflitantes. *: quando acompanhada de asterisco, são espécies que devem ser priorizadas em estudos futuros. ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada. NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação.
Sensibilidade	Definido somente para a Classe Aves, refere-se ao grau de vulnerabilidade à perturbação antrópica para as espécies de acordo com Stotz <i>et al.</i> (1996). Esta classificação se refere à probabilidade de desaparecimento da espécie onde, quanto maior o nível de sensibilidade da espécie, maior a probabilidade de seu desaparecimento em áreas degradadas, sendo elas pela perda ou fragmentação do habitat. H: High, do inglês alta; M: Medium, do inglês média; L: Low, do inglês baixa; ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada. NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação. NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de espécie identificada até o nível do gênero ou exótica.
Abundância	Reflete a abundância geral de indivíduos da espécie e, de forma indireta, a facilidade de encontrá-la na natureza (HADDAD; TOLEDO; PRADO, 2005). Definidas para as Classes Amphibia e Aves. Classe Amphibia de acordo com Haddad; Toledo; Prado (2005): A: Ameaçada, espécie ameaçada de extinção, pode já estar extinta ou ainda ocorrer de maneira rara, com distribuição geográfica restrita, e/ou em habitats muito ameaçados; R: Rara, espécie dificilmente observada na natureza; PF: Pouco Frequente. espécie pouco frequente em campo, razoavelmente difíceis de serem observadas; Fr: Frequente, espécie comum que apresenta grandes populações. Classe Aves segue classificação de Stotz <i>et al.</i> (1996): R: Rare, do inglês raro; U: Uncommon, do inglês incomum; F: Fairly Uncommon, do inglês razoavelmente comum; C: Common, do inglês comum; P: Patchily distributed, do inglês irregularmente distribuído. ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada; NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação; NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de espécie identificada até o nível do gênero ou exótica.

Grandes Dispersores de Sementes	Interação ecológica mutualística planta-animal conhecida como Zoocoria em que o animal se beneficia com a energia adquirida através da alimentação e a planta se beneficia através da dispersão das suas sementes para locais mais propícios, com menos competição, ampliando a sua distribuição geográfica, o que aumenta as chances de sucesso de sobrevivência da espécie. Disponibilizada para a composição do Índice Paulistano da Fauna Silvestre, foi determinada para as espécies frugívoras dispersoras de grandes sementes, pela sua relevância ecológica na manutenção do equilíbrio das florestas e dispersão de espécies vegetais de grande porte, importantes para a fixação do carbono atmosférico. Nesta publicação, estamos apresentando um trabalho preliminar de compilação em andamento, composto por referências e conhecimento acumulado ao longo dos anos. O objetivo não é apresentar uma lista definitiva, mas sim disponibilizar as informações existentes e aperfeiçoá-las conforme mais informações são sistematizadas para cada grupo. SIM: Espécie frugívora dispersora de grandes sementes; NÃO: Espécie frugívora não dispersora de grandes sementes; ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada; NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação; NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de invertebrados, espécies exóticas ou espécies não frugívoras.
Predadores de Topo	Predadores de topo são definidos como espécies que ocupam o topo de cadeias tróficas dentro de comunidades, e frequentemente possuem grande massa corporal (>15 kg) e são caçadores especializados. Os predadores de topo são bons bioindicadores e desempenham um papel fundamental na saúde e funcionamento dos ecossistemas em que vivem, mantendo o controle populacional de suas presas e maior biodiversidade na comunidade (NATSUKAWA; SERGIO, 2022). Disponiilizada para a composição do Índice Paulistano da Fauna Silvestre para as espécies carnívoras pela relevância ecológica e indicadoras de ecossistemas mais preservados e conectados. Nesta publicação, estamos apresentando um trabalho preliminar de compilação em andamento, composto por referências e conhecimento acumulado ao longo dos anos. O objetivo não é apresentar uma lista definitiva, mas sim disponibilizar as informações existentes e aperfeiçoá-las conforme mais informações são sistematizadas para cada grupo. SIM: Espécie carnívora predadora de topo; NÃO: Espécie carnívora não predadora de topo; ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada; NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação; NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de invertebrados, espécies exóticas ou vertebrados não carnívoros.
Categorias de Ameaça	Categorias de ameaça de extinção de acordo com as listas do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2018), do governo federal (BRASIL, 2014, 2022), da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN, 2025) e da Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora (CITES, 2025). Quando a espécie se encontra classificada em alguma categoria de ameaça estão acompanhadas do sufixo SP-, MMA-, IUCN- ou CITES- conforme cada lista e as seguintes siglas: CR (Critically Endangered): Criticamente em Perigo. Apresenta risco extremamente alto de extinção na natureza em futuro muito próximo, em decorrência de profundas alterações ambientais ou de alta redução populacional ou, ainda, de intensa diminuição da sua área de distribuição. EN (Endangered): Em Perigo. Risco muito alto de extinção na natureza, em decorrência de grandes alterações ambientais ou de significativa redução populacional, ou ainda, de grande diminuição da sua área de distribuição. VU (Vulnerable): Vulnerável. Apresenta alto risco de extinção em médio prazo, em decorrência de alterações ambientais preocupantes ou de sua redução populacional, ou ainda, da diminuição da sua área de distribuição. NT (Near Threatened): Quase Ameaçada. Espécie cuja avaliação quanto aos critérios não a qualifica para as categorias de ameaça citadas acima, mas mostra que ela está em vias de integrá-las em futuro próximo, se nenhuma ação de conservação for realizada. DD (Data Deficient): Dados Insuficientes. Espécie cujas informações disponíveis sobre sua distribuição e/ou estado de conservação de suas populações são insuficientes para realização de uma avaliação direta ou indireta sobre seu risco de extinção, reconhecendo-se a demanda por futuras pesquisas com vistas a subsidiar seu enquadramento em alguma das categorias de ameaça. LC (Least-Concern): Menos preocupante. Quando é avaliado segundo os critérios e não se qualifica em nenhuma das categorias de ameaça. Espécies de distribuição ampla ou abundantes normalmente são incluídos nesta categoria. Espécies raras e de distribuição restrita também podem ser classificadas como LC, desde que não haja ameaças significativas. CITES-I: listada no Apêndice I que contém as espécies mais ameaçadas cujo comércio internacional é proibido. CITES-II: listada no Apêndice II que contém as espécies que embora atualmente não se encontrem necessariamente em perigo de extinção, poderão vir a esta situação a menos que o comércio seja estritamente controlado. CITES-III: listada no Apêndice III que contém as espécies incluídas por requisição de algum país que já regula o comércio destas espécies e que necessita da cooperação de outros países para prevenir a exploração ilegal ou insustentável. ND: Não Definido ou Desconhecido, quando não há conhecimento quanto à sua classificação na literatura consultada. NL: Não Localizado, quando não localizada na literatura a classificação. NA: Não se Aplica, quando não se aplica a classificação, por se tratar de espécie identificada até o nível do gênero ou exótica.
IPFauna	O Índice Paulistano da Fauna Silvestre (IPFauna) foi desenvolvido no âmbito do Grupo de Trabalho Intersecretarial (Portaria Conjunta SVMA/SMC/SMUL nº 007/2024) constituído para a implementação da Ação 96 do Plano Municipal de Arborização Urbana (PMAU, 2020) que prevê: Avaliar áreas que necessitem de proteção considerando a arborização do Mapeamento Digital da Cobertura Vegetal 2020 e declarar novas áreas protegidas conforme análises de dados municipais (importância para o local, exemplares arbóreos presentes, estudos ambientais). A construção do IPFauna teve como objetivo avaliar as áreas do município de São Paulo levando em consideração a diversidade e a relevância das espécies de fauna silvestre presentes em seu território, com informações obtidas a partir do programa "Inventário e Monitoramento da Fauna Silvestre do Município de São Paulo". Essa abordagem permitiu, em conjunto com outros 4 indicadores, uma análise mais detalhada dos ecossistemas locais e das vulnerabilidades socio-ambientais por região da cidade, destacando a importância da conservação da biodiversidade para o equilíbrio ambiental da região. Para o cálculo do índice, foi considerada exclusivamente a diversidade de vertebrados (peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos) devido à disponibilidade de informações ecológicas e levantamentos mais robustos e representativos do território. Para cada espécie é atribuída uma nota de 0 a 6, com base nos seguintes critérios e na soma das pontuações correspondentes: a) Natureza: 3 - Nativa Autóctone (NatAUT); 2 - Nativa do Brasil (NatBR), Nativa Alóctone (NatALO) ou Nativa Alóctone Introduzida (NatALOint); 1 - Exótica (ex), Não Definido (ND), Não Localizado (NL) ou Não de Aplica (NA); 0 - Exótica Invasora (ExINV) ou Nativa Alóctone Introduzida Invasora (NatALOintINV); b) Endemismo da Mata Atlântica: 1 - Endêmica da Mata Atlântica (EndMA); 0 - Não Endêmica (NÃO), Não Definido (ND), Não Localizado (NL) ou Não de Aplica (NA); c) Ameaçadas Localmente: 1 - Classificada em alguma categoria de ameaça na lista estadual (SÃO PAULO, 2018) (SP-DD, SP-NT, SP-VU, SP-EN, SP-CR); 0 - Não Localizado (NL) ou Não de Aplica (NA); d) Alta Relevância Ambiental: 1 - Aves com alta sensibilidade (High - H) a mudanças ambientais (Stotz, 1996), Aves Migratórias (MGT) (Somenzari <i>et al.</i>, 2018), Grandes Dispersores de Sementes (SIM), Predadores de Topo (SIM); 0 - Calssificados em outras categorias, Não Classificado (NÃO), Não Definido (ND), Não Localizado (NL) ou Não de Aplica (NA); O cálculo do índice segue a seguinte equação: IPFauna = (A-B)/B, onde, A: Soma da pontuação das espécies que ocorrem na área e B: Número de espécies registradas na área (riqueza). O IPFauna varia de 0 a 5 e pode ser calculado para diferentes escalas territoriais: Área Verde, Distrito, Subprefeitura ou Município, a depender dos objetivos da análise. São estabelecidas 5 (cinco) Categorias de Diversidade da Fauna Silvestre com base nos seguintes intervalos do IPFauna: Muito Baixa: 0-1,69; Baixa: <1,69-1,82; Média: <1,82-2,08; Alta: <2,08-2,21; Muito Alta: <2,21-5,00. Nesta Publicação estão sendo disponibilizadas as informações ecológicas e pontuações que compõem o IPFauna que servirão de subsídio para o cálculo dos índices e categorias que serão apresentados em publicação apartada.
Registros por Área	Os registros das espécies por área verde trazem o mês e ano do primeiro registro para cada local, seguidos pelas iniciais dos profissionais da Divisão da Fauna Silvestre (SVMA/CGPABI/DFS), da Prefeitura ou de instituições parceiras que participaram do levantamento e identificação em campo; quando a origem é proveniente de dados secundários da literatura ou de dados extraídos de publicações ou plataformas de compartilhamento de listas de espécies disponíveis on-line (eBird, táxeus ou wikiaves), são colocados o mês e ano do registro ou da publicação em referência, seguidos pelo número do registro ou da lista, nos casos das plataformas on-line. A equipe técnica, siglas, instituições e referências estão listadas nas planilhas "Equipe Técnica" e "Referências". Registros Pontuais: se referem às espécies que tiveram seus registros fora das áreas verdes inventariadas, trazendo a informação do bairro onde foi observada, seguido pelo mês, ano e referência.

N	S	S	N
Entra na lista?	Citação	Referência	Assunto
N	ABREU <i>et al.</i> , 2021	ABREU, E. F. <i>et al.</i> Lista de Mamíferos do Brasil . <i>Data set</i> , v. 2, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5281/zenodo.5802047 . Acesso em: 10 jan. 2022.	Lista dos Mamíferos do Brasil
N	ABREU <i>et al.</i> , 2021	ABREU, E. F. <i>et al.</i> Lista de Mamíferos do Brasil . Comitê de Taxonomia da Sociedade Brasileira de Mastozoologia (CT-SBMz). São Paulo, versão 2021-1(Abril), 2021. Disponível em: https://www.sbmz.org/mamiferos-do-brasil/ . Acesso em: 09 jun. 2021.	Lista dos Mamíferos do Brasil
N	ABREU <i>et al.</i> , 2022	ABREU, E. F. <i>et al.</i> Lista de Mamíferos do Brasil (2022-1) . [Data set]. Disponível em: https://doi.org/10.5281/zenodo.7469767 . Acesso em: 16 jan. 2023.	Lista dos Mamíferos do Brasil
N	ABREU <i>et al.</i> , 2023	ABREU, E. F. <i>et al.</i> Lista de Mamíferos do Brasil (2023-1) [Data set]. Zenodo. Disponível em: https://doi.org/10.5281/zenodo.10428436 . Acesso em 29 fev. 2024.	Lista dos Mamíferos do Brasil; Endemismo Brasil e Mata Atlântica Mamíferos
S	ABREU et al., 2024	Abreu E.F., Casali D., Costa-Araújo R., Garbino G.S.T., Libardi G.S., Loretto D., Loss A.C., Marmontel M., Moras L.M., Nascimento M.C., Oliveira M.L., Pavan S.E. & Tirelli F.P. 2024. Lista de Mamíferos do Brasil (2024-1) [Data set]. Zenodo. https://doi.org/10.5281/zenodo.14536925	Lista dos Mamíferos do Brasil; Endemismo Brasil e Mata Atlântica Mamíferos
S	ACCACIO, 2019	ACCACIO, G. Lista de lepdópteros do Parque Ibirapuera . Dados atualizados até 2019. Não publicado.	Lista borboletas Ibirapuera
S	ANTUNES; ESTON, 2008	ANTUNES, A. Z.; ESTON, M. R. Avifauna do Parque Estadual Alberto Löfgren-São Paulo: diagnóstico e propostas para a conservação. Revista do Instituto Florestal , São Paulo, v. 20, n. 2, p. 195-211, 2008.	Registro Parque Estadual da Cantareira
S	ARAUJO, 1997	ARAUJO, C. O. Levantamento da fauna de anuros do Parque Anhanguera (São Paulo, SP) . 1997. Relatório de Iniciação a Pesquisa II - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1997.	Levantamento anuros Parque Anhanguera
S	BARBIERI <i>et al.</i> , 1997	BARBIERI, G. <i>et al.</i> Incentivo às atividades econômicas não impactantes na Bacia da Represa de Guarapiranga (São Paulo). <i>In</i> : Pesca e Aquicultura : Avaliação das comunidades de peixes. São Paulo: Instituto de Pesca, SEMA, 1997.	Peixes Represa Guarapiranga
S	BENCKE <i>et al.</i> , 2006	BENCKE, G. A. <i>et al.</i> Áreas importantes para a conservação das aves no Brasil : parte 1 – estados do domínio da Mata Atlântica. SAVE Brasil, São Paulo: 2006.	Aves Endêmicas
S	BERNEGOSSI <i>et al.</i> , 2022	BERNEGOSSI, A. M. <i>et al.</i> . Resurrection of the genus Subulo Smith, 1827 for the gray brocket deer, with designation of a neotype. Journal of Mammalogy , Oxford, 19 set. 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1093/jmammal/gyac068 . Acesso em: 04 nov. 2022.	
S	BRAGAGNOLO, 2008	BRAGAGNOLO, C. Diversidade de opilões do município de São Paulo. <i>In</i> : MALAGOLI, L.R; BAJESTEIRO, F.B.; WHATELY, M. (org.). Além do concreto : contribuições para a proteção da biodiversidade paulistana. São Paulo: Insituto Socioambiental, 2008. p:154-176.	Opilões do município de São Paulo
S	BRASIL, 2014a	BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Portaria MMA n°444, de 17 de dezembro de 2014. Reconhece como espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção aquelas constantes da “Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção”. Diário Oficial da União : seção 1, Brasília, DF, n. 245, p. 121-126, 18 dez. 2014.	Ameaçadas Brasil, antiga - valendo
S	BRASIL, 2014b	BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Portaria MMA n°445, de 17 de dezembro de 2014. Reconhece como espécies de peixes e invertebrados aquáticos da fauna brasileira ameaçadas de extinção aquelas constantes da “Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção - Peixes e Invertebrados Aquáticos”. Diário Oficial da União : seção 1, Brasília, DF, n. 245, p. 126-130, 18 dez. 2014.	Ameaçadas Brasil, antiga- valendo
N	BRASIL, 2018	BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção : Volume I. 1. ed. Brasília, DF: ICMBio/MMA, 2018.	Ameaçadas Brasil, antiga
S	BRASIL, 2022	BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Portaria MMA n° 148, de 07 de junho de 2022. Altera os Anexos da Portaria nº 443, de 17 de dezembro de 2014, da Portaria nº 444, de 17 de dezembro de 2014, e da Portaria nº 445, de 17 de dezembro de 2014, referentes à atualização da Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção. Diário Oficial da União : seção 1, Brasília, DF, p. 74, 08 jun. 2022.	Ameaçadas Brasil, antiga - valendo
N	BRASIL, 2022	BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Portaria GM/MMA n° 300, de 13 de dezembro de 2022. Reconhece a Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção. Diário Oficial da União : seção 1, Brasília, DF, p. 75, 14 dez. 2022.	Ameaçadas Brasil, atual - revogada
S	BROWN JÚNIOR, 1992	BROWN JÚNIOR., K. S. Borboletas da Serra do Japi: diversidade, habitats, recursos alimentares e variação temporal. <i>In</i> : MORELLATO, L. P. C. (org). História Natural da Serra do Japi : Ecologia e preservação de uma área florestal no Sudeste do Brasil. Campinas: FAPESP, p. 142-186, 1992.	Borboletas da serra da japi
S	CANDIANI <i>et al.</i> , 2005	CANDIANI, D. F.; INDICATTI, R. P.; BRESCOVIT, A. D. Composição e diversidae da araneofauna (Araneae) de serapilheira em três florestas urbanas na cidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Biota Neotropica , v. 5, p. 111-123, 2005.	
S	CEO, 2024	CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS. Relatório final do monitoramento do projeto de construção e utilização de caixas para ninhos objetivando favorecer espécies dependentes de cavidades para reprodução . Relatório. Centro de Estudos Ornitológicos (CEO), São Paulo, 2024.	Relatório do monitoramento das 18 caixas-ninho no Parque Linear Municipal Córrego do Bispo, zona de amortecimento do Parque Estadual da Cantareira.
S	CEO, 2025	CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS.Relatório da visita de observação de aves no Parque Municipal Linear Córrego do Bispo, com participação especial do Centro de Estudos Ornitológicos - CEO . Centro de Estudos Ornitológicos (CEO), São Paulo, 2025.	Relatório da visita de observação de aves no Parque Municipal Linear Córrego do Bispo, com participação especial do Centro de Estudos Ornitológicos - CEO
N	CHESSER, 1994	CHESSER, R. Terry. Migration in South America: an overview of the austral system. Bird Conservation International , v. 4, n. 2-3, p. 91-107, 1994.	Aves migratórias austrais
N	CITES, 2014	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2014. Disponível em: www.cites.org/eng/app/appendices.shtml . Acesso em: 20 abr. 2018.	Ameaçadas pelo comercio internacional
N	CITES, 2019	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2019. Disponível em: https://www.cites.org/eng/app/appendices.php . Acesso em: 27 abr. 2020.	Ameaçadas pelo comercio internacional
N	CITES, 2021	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2021. Disponível em: https://www.cites.org/eng/app/appendices.php . Acesso em: 29 jun. 2021.	Ameaçadas pelo comercio internacional
N	CITES, 2022	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2022. Disponível em: https://www.cites.org/eng/app/appendices.php . Acesso em: 20 jun. 2022.	Ameaçadas pelo comercio internacional
N	CITES, 2022	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2022. Disponível em: https://www.cites.org/eng/app/appendices.php . Acesso em: 23 jun. 2022.	Ameaçadas pelo comercio internacional
N	CITES, 2023	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2023. Disponível em: https://www.cites.org/eng/app/appendices.php . Acesso em: 23 jan. 2023.	Ameaçadas pelo comercio internacional
N	CITES, 2023	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2023. Disponível em: https://www.cites.org/eng/app/appendices.php . Acesso em: 13 abr. 2023.	Ameaçadas pelo comercio internacional
N	CITES, 2023	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2023. Disponível em: https://www.cites.org/eng/app/appendices.php . Acesso em: 22 jun. 2023.	Ameaçadas pelo comercio internacional
N	CITES, 2023	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2023. Disponível em: https://www.cites.org/eng/app/appendices.php . Acesso em: 30 nov. 2023.	Ameaçadas pelo comercio internacional
N	CITES, 2024	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2024. Disponível em: https://www.cites.org/eng/app/appendices.php . Acesso em: 25 nov. 2024.	Ameaçadas pelo comercio internacional
S	CITES, 2025	CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA. Appendices I, II and III . Geneva: 2025. Disponível em: https://www.cites.org/eng/app/appendices.php . Acesso em: 10 fev. 2025.	Ameaçadas pelo comercio internacional
S	CONDEZ <i>et al.</i> , 2021	CONDEZ, T. H. <i>et al.</i> . Notes on the hyperossified pumpkin toadlets of the genus Brachycephalus (Anura: Brachycephalidae) with the description of a new species. Herpetologica , Washington DC, v. 77, n. 2, p. 176–194, 2021.	Nova espécie Brachycephalus ibitinga
N	COSTA; BÉRNILS, 2018	COSTA, H. C.; BÉRNILS, R. S. Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas: Lista de espécies. Herpetologia Brasileira , São Paulo, v. 7, n. 1, p. 11-57, 2018.	Taxonomia Répteis

N	COSTA; GUEDES; BÉRNILS, 2021	COSTA, H. C.; GUEDES, T. B.; BÉRNILS, R. S. Lista de répteis do Brasil: padrões e tendências. Herpetologia Brasileira , São Paulo, v. 10, n. 3, p. 110-279, 2021.	Taxonomia Répteis
S	DASILVA; PINTO-DA-ROCHA, 2011	DASILVA, M.; PINTO-DA-ROCHA, R. A história biogeográfica da Mata Atlântica: opilões (Arachinida) como modelo para suas inferências. <i>In</i> : CARVALHO, C. J. B.; ALMEIDA, E. A. B. (ed.). Biogeografia da América do Sul: Padrões e Processos . Editora Roca, São Paulo: 2011. p. 221-238.	Endemismo opilões
S	DORES <i>et al.</i> , 2020a	DORES, F. T. <i>et al.</i> Primeiro registro documentado de arapapá, <i>Cochlearius cochlear</i> ius (Pelecaniformes: Ardeidae) para o município de São Paulo, São Paulo, SP. Atualidades Ornitológicas , n. 214, mar.-abr. 2020.	Registro do Cochlearius cochlearius no Parque Ecologico do Rio Tiête
S	DORES <i>et al.</i> , 2020b	DORES, F. T. <i>et al.</i> Recebimento de apuim-de-costas-pretas, <i>Touit melanonotus</i> (Aves: Psittacidae) no Centro de Recuperação de Animais Silvestres do Parque Ecológico do Tietê, São Paulo, SP. Atualidades Ornitológicas , n. 216, jul.-ago. 2020.	Registro de <i>Touit melanonotus</i> na Base Aérea de São Paulo, Guarulhos.
S	DORES <i>et al.</i> , 2021	DORES, F. T. <i>et al.</i> Revisão dos registros da andorinha-do-rio <i>Tachycineta albiventer</i> (Aves: Hirundinidae) para a Região Metropolitana de São Paulo, sudeste do Brasil. Acta Biol. Par. , Curitiba, v. 50, n. 1-4, p. 103-115, 2021.	Registro de andorinha-do-rio Tachycineta albiventer no Parque Ecológico do Tietê
S	EBIRD	EBIRD. eBird : An online database of bird distribution and abundance [web application]. eBird, Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, New York. Disponível em: http://ebird.org/ . Acesso em: 25 jul. 2023.	
S	FERREIRA, 2014	FERREIRA, R. C. Estrutura da guilda das aves frugívoras da APA Parque e Fazenda do Carmo, São Paulo, Brasil. Enciclopédia Biosfera , Goiania, v. 10, n. 18, p. 3262-3279, 2014.	Aves frugívoras da APA Parque e Fazenda do Carmo.
S	FOCO, 2019	FOCO AMBIENTAL. Estudo de avifauna para implantação do trecho 3 da Linha 15 Prata do Metrô . Relatório. Foco Ambiental, São Paulo, set. 2019.	Estudo de avifauna para implantação do trecho 3 da linha 15 prata do Metrô.
S	FORMAGGI <i>et al.</i> , 2024	FORMAGGI, L. L. G.; TEIXEIRA, .R. P. B.; FRENEDOZO, R. C.. Ensino de Ciências por meio da instalação e monitoramento de caixas-ninho para avifauna em área urbana. Revista de Ensino de Ciências e Matemática , São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1–19, 2024. DOI: 10.26843/rencima.v15n1a19. Disponível em: https://revistapos.cruzeirosul.edu.br/rencima/article/view/4722 . Acesso em: 29 maio 2024.	Instalação e monitoramento de caixas-ninho para avifauna na Escola Estadual Tide Setúbal
	FRICKE; ESCHMEYER; VAN DER LAAN, 2022	FRICKE, R.; ESCHMEYER, W. N.; VAN DER LAAN, R. (eds). Eschmeyer’s catalog of fishes : genera, species,references. 2022. Disponível em: http://researcharchive.calacademy.org/research/ichthyology/catalog/fishcatmain.asp . Acesso em: 2022.	Taxonomia peixes
S	GAIA, 2020	GAIA Consultoria e Gestão ambiental. Estudos da fauna e flora para proposta de criação de RPPN Chácara Flora . GAIA Consultoria e Gestão ambiental, São Paulo, nov. 2020.	Estudos da Fauna e Flora para proposta de criação de RPPN Chácara Flora
N	GRAIPEL <i>et al.</i> , 2017	GRAIPEL, M. E. <i>et al.</i> Mamíferos da Mata Atlântica. <i>In</i> : MONTEIRO-FILHO, E. L. A.; CONTE, C. E. (org.). Revisões em Zoologia : Mata Atlântica. 1. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.p. 391-482.	Mamíferos endêmicos
N	GREGORIN, 2006	GREGORIN, R. Taxonomia e variação geográfica das espécies do gênero Alouatta Lacépède(Primates, Atelidae) no Brasil. Revista Brasileira de Zoologia , Curitiba, v.23, n.1, p. 64-144, 2006.	Taxonomia Alouatta
S	GONZALEZ <i>et al.</i> , 2020	GONZALEZ, R. C. <i>et al.</i> Lista dos nomes populares dos répteis no Brasil - Primeira versão. Herpetologia Brasileira , São Paulo, v. 9, n. 2, p. 121-214, 2020.	Nomes populares de anfíbios
S	GUEDES; ENTIAUSPE-NETO; COSTA, 2023	GUEDES, T. B; ENTIAUSPE-NETO, O. M.; COSTA, H. C. Lista de répteis do Brasil: atualização de 2022. Herpetologia Brasileira , São Paulo, v. 12, n. 1, p. 56-162, 2023.	Taxonomia e endemismo Brasil Répteis
S	HADDAD <i>et al.</i> , 2013	HADDAD, C. F. B. <i>et al.</i> Guia dos anfíbios da Mata Atlântica : diversidade e biologia. 1. ed. São Paulo: Editora Anolis Books, 2013.	Nomes populares anfíbios
N	HADDAD; PRADO, 2005	HADDAD, C.; PRADO, C. Reproductive Modes in Frogs and Their Unexpected Diversity in the Atlantic Forest of Brazil. BioScience , v. 55, p. 207-217, 2005.	Modos reprodutivos anfíbios
S	HADDAD; TOLEDO; PRADO, 2008	HADDAD, C. F. B.; TOLEDO, L. F.; PRADO, C. P. A. Anfíbios da Mata Atlântica : guia de anfíbios anuros da Mata	Nome popular, habitat, abundancia anfíbios
N	HÖFER; BRESCOVIT, 2001	HÖFER, Hubert; BRESCOVIT, Antonio D. Species and guild structure of a Neotropical spider assemblage (Araneae) from Reserva Ducke, Amazonas, Brazil. Andrias, v. 15, p. 99-119, 2001.	Guilda de aranhas
N	ICMBio/CENAP, 2016	ICMBio/CENAP. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros . Ecologia da onça-parda em remanescentes de Mata Atlântica e Cerrado nas Regiões Metropolitanas de São Paulo e da Baixada Santista . Estudo coordenado pela Analista Ambiental Lilian Bonjorne de Almeida no Parque Estadual Serra do Mar, Núcleo Curucutu, para seu doutorado na State University of New York/ College of Environmental Sciences and Forestry (SUNY/ESF).	Registro Onça-pintada
S	INSTITUTO HORUS, 2024	IINSTITUTO HÓRUS. Base de Dados Nacional de Espécies Exóticas Invasoras . 2024. Disponível em: https://bd.institutohorus.org.br/ . Acesso em: 12 nov. 2024.	Espécies Exóticas Invasoras
N	IUCN, 2019	IUCN - INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2019.2. Gland: 2019. Disponível em: www.iucnredlist.org . Acesso em: 10 out. 2019.	Ameaçadas de Extinção Internacional
N	IUCN, 2020	IUCN - INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2020-2. Gland: 2020. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 09 jul. 2020.	Ameaçadas de Extinção Internacional
N	IUCN, 2020 (versão 2020-3)	IUCN - INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2020-3. Gland: 2020. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 10 fev. 2021.	Ameaçadas de Extinção Internacional
N	IUCN, 2021 (versão 2021-1)	IUCN – INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2021-1. Gland: 2021. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 07 abr. 2021. .	Ameaçadas de Extinção Internacional
N	IUCN, 2021 (versão 2021-2)	IUCN – INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2021-2. Gland: 2021. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 09 set. 2021.	Ameaçadas de Extinção Internacional
N	IUCN, 2021 (versão 2021-3)	IUCN – INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2021-3. Gland: 2021. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 14 dez. 2021.	Ameaçadas de Extinção Internacional
N	IUCN, 2022 (versão 2022-1)	IUCN. 2022. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2022-1. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 27 jul. 2022.	Ameaçadas de Extinção Internacional
N	IUCN, 2022 (versão 2022-2)	IUCN. 2022. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2022-2. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 04 jan. 2023.	Ameaçadas de Extinção Internacional
N	IUCN, 2023 (versão 2023-1)	IUCN. 2023. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2023-1. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 27 dez. 2023.	Ameaçadas de Extinção Internacional
N	IUCN, 2024 (versão 2024-1)	IUCN. 2024. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2024-1. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 18 jul. 2024.	Ameaçadas de Extinção Internacional
N	IUCN, 2024 (versão 2024-2)	IUCN. 2024. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2024-2. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 25 nov. 2024.	Ameaçadas de Extinção Internacional
S	IUCN, 2025 (versão 2025-1)	IUCN. 2025. The IUCN Red List of Threatened Species . Versão 2025-1. Disponível em: https://www.iucnredlist.org . Acesso em: 14 abr. 2025.	Ameaçadas de Extinção Internacional
S	JACINTO, 2001	JACINTO, F. I. Preferência de habitat em uma comunidade de anuros no Parque Cidade de Toronto, Cidade de São Paulo . 2001. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Ciências Exatas e Experimentais, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2001.	anuros no Parque Cidade de Toronto
S	JOHNSON; MELISSA A, <i>et al.</i> , 2020	JOHNSON, Melissa A. et al. Coffee berry borer (Hypothenemus hampei), a global pest of coffee: Perspectives from historical and recent invasions, and future priorities . Insects, v. 11, n. 12, p. 882, 2020.	Informações sobre a Broca do café (<i>Hypothenemus hampei</i>)
S	KRAV, 2014	KRAV CONSULTORIA AMBIENTAL. Laudo de fauna silvestre (Parque dos Búfalos) . Relatório Ambiental Preliminar (RAP) que subsidiou a emissão da Licença Ambiental Prévia (LAP) n° 2366, Processo CETESB n° 121, São Paulo, 2014.	Laudo de Fauna Silvestre do Parque dos Búfalos
S	KUNZ; BORGES-MARTINS, 2013	KUNZ, T. S.; BORGES-MARTINS, M. A new microendemic species of <i>Tropidurus</i> (Squamata: Tropiduridae) from southern Brazil and revalidation of <i>Tropidurus catalanensis</i> Gudynas & Skuk, 1983. Zootaxa , v. 3681, n. 4, p. 413–439, 2013.	Definição de <i>Tropidurus catalanensis</i> como espécie e limite norte da distribuição da espécie corresponde ao sudeste do Estado de São Paulo.
S	KURY <i>et al.</i> , 2023	Kury, A.B., Mendes, A.C., Cardoso, L., Kury, M.S., Granado, A.de A. Giribet, G., Cruz-López J.A., Longhorn, S.J., Medrano, M., Oliveira, A.B.R. de, Kury, I.S. & Souza-Kury, M.A. (2023) World Catalogue of Opiliones. WCO-Lite version 2.6. Online at: https://wcolite.com/ .	Taxonomia de opilões
S	LAMPARELLI <i>et al.</i> , 1996	LAMPARELLI, M. C. <i>et al.</i> Avaliação do Complexo Billings : comunidades aquáticas, água e sedimento (out/92 a out/93). São Paulo: Relatório Técnico CETESB, 1996.	Peixes Represa Billings
S	LIMA <i>et al.</i> , 2010	LIMA, L. M. <i>et al.</i> Distribuição, abundância e sazonalidade de <i>Leucophaeus atricilla</i> (Charadriiformes: Laridae) no Brasil. Revista Brasileira de Ornitologia , Rio Grande, v. 18, n. 3, p. 199-206, 2010.	Leucophaeus atricilla

S	LOURENÇO-DE-MORAES <i>et al.</i> , 2018	LOURENÇO-DE-MORAES, R. <i>et al.</i> . Nesting patterns among Neotropical species assemblages: can reserves in urban areas be failing to protect anurans? Urban Ecosystems , n. 21, p. 933-942, 2018.	Anfíbios em áreas urbanas de são paulo e maringá
S	MACARRÃO; PAES; ALMEIDA, 2014	MACARRÃO, A.; PAES, N. D.; ALMEIDA, C. O. Aves migratórias raras no Parque Ecológico do Tietê (São Paulo, Brasil), incluindo registros inéditos para o município, reforçam a importância da conservação de áreas verdes urbanas: <i>Elaenia spectabilis</i> , <i>Hydropsalis parvula</i> , <i>Phalaropus tricolor</i> e <i>Sporophila collaris</i> . Atualidades Ornitológicas , Ivaiporã, v. 177, p. 10-12, 2014.	registros PET
S	MALAGOLI; BAJESTEIRO; WHATELY, 2008	MALAGOLI, L. R., BAJESTEIRO, F. B. & WHATELY, M. Além do concreto: contribuições para a proteção da biodiversidade paulistana. Instituto Socioambiental. p. 359-359, 2008	Aranhas do município de São Paulo.
S	MALAGOLI; OLIVEIRA; PALOMBO, 2003	MALAGOLI, L. R.; OLIVEIRA, A. T. R. A.; PALOMBO, C. R. Levantamento preliminar dos anuros (Amphibia) da Fazenda Parque Castanheiras, península do Bororé-Colônia, Município de São Paulo – SP. <i>In</i> : 14º ENCONTRO DE BIÓLOGOS DO CRBIO-1. 2003, Cuiabá. Anais... Cuiabá: 2003, p.119.	Anuros Fazenda Castanheiras
S	MARQUES <i>et al.</i> , 2009	MARQUES, O. A. V. <i>et al.</i> . Os répteis do Município de São Paulo: diversidade e ecologia da fauna pretérita e futura. Biota Neotropica , São Paulo, v. 9, n. 2, p. 139-150, 2009.	Hábito, Hábitat e Guilda alimentar para répteis. Foram revistas as classificações de endemismo para a Classe Reptilia, tendo em vista que na publicação anterior foram consideradas endêmicas da Mata Atlântica as espécies com área de ocorrência no Bioma Mata Atlântica segundo Marques et al. (2009), porém a publicação não cita endemismo do Bioma.
S	MARQUES; ETEROVIC; SAZIMA, 2019	MARQUES, O. A. V.; ETEROVIC, A.; SAZIMA, I. Serpentes da Mata Atlântica : guia ilustrado para as regiões costeiras do Brasil. Cotia: Ed. Ponto A, 2019.	Hábito para serpentes.
S	MARTINS, 2019	MARTINS, C. M. 2019. Malacofauna Terrestre e Dulcícola de Parques e Áreas Verdes do Município de São Paulo . Relatório final entregue à Comissão Técnica de Avaliação Científica da Secretaria do Verde e Meio Ambiente relativo ao projeto de pesquisa realizado nas Parques Municipais do Cordeiro, Guarapiranga e Jardim da Luz. Processo Administrativo nº 2015-0.160.374-0.	Invertebrados Parque do Cordeiro, Guarapiranga e Jardim da Luz
S	MARTINS; SIMONE, 2014	MARTINS, C. M.; SIMONE, L. R. L. A new species of Adelopoma from São Paulo urban park, Brazil (Caenogastropoda, Diplommatinidae). Journal of Conchology , West Sussex, v. 41, n. 6, p. 765-773, 2014.	Adelopoma Parque Burle Marx
S	MELO, 2010	MELO, M. A. <i>Furnarius figulus</i> : uma nova espécie colonizadora no Município de São Paulo. Atualidades Ornitológicas , Ivaiporã, v. 155, p. 8-9, 2010.	<i>Furnarius figulus</i>
S	MELO, 2014	MELO, M. A. Registro documentado de marrecão <i>Netta peposaca</i> (Vieillot, 1816) para a região metropolitana de São Paulo e revisão de seus registros para o estado. Atualidades Ornitológicas , Ivaiporã, v. 181, p. 26-27, 2014.	<i>Netta peposaca</i>
S	MELO <i>et al.</i> , 2014	MELO, M. A. <i>et al.</i> First record of the invasive frog <i>Eleutherodactylus jonhstonei</i> (Anura: Eleutherodactylidae) in São Paulo, Brazil. Salamandra , Frankfurt, v. 50, n. 3, p. 177-180, 2014.	<i>Eleutherodactylus jonhstonei</i>
N	MOREIRA-LIMA, 2013	MOREIRA-LIMA, L. Aves da Mata Atlântica : riqueza, composição, status, endemismos e conservação. 2013. Dissertação (Mestrado em Zoologia) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.	Aves da Mata atlântica
N	MOREIRA-LIMA; SILVEIRA, 2017	MOREIRA-LIMA, L.; SILVEIRA, L. F. Aves da Mata Atlântica. In: MONTEIRO-FILHO, E. L. A.; CONTE, C. E. (Org.). Revisões em Zoologia : Mata Atlântica. 1. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.p. 365-389.	Aves da Mata Atlântica
S	NATSUKAWA;SERGIO, 2022	NATSUKAWA, H.; SERGIO, F. Top predators as biodiversity indicators: A meta analysis. Ecology Letters, 2022.	Ecologia
S	PACHECO <i>et al.</i> , 2021	PACHECO, J. F. <i>et al.</i> . Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee—second edition. Ornithol. Res. , v. 29, n. 2, p. 94-105, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s43388-021-00058-x . Acesso em 27 jul. 2021.	Taxonomia Aves
S	PAGLIA <i>et al.</i> , 2012	PAGLIA, A. P. <i>et al.</i> . Lista anotada dos mamíferos do Brasil. Ocasional Papers in Conservation Biology , Conservação Internacional, Belo Horizonte, 2012.	Nome mamíferos em inglês
N	PAVAN; JANSÁ; VOSS, 2014	PAVAN, S. E.; JANSÁ, S. A.; VOSS, R. S. Molecular phylogeny of short-tailed opossums (Didelphidae: Monodelphis): Taxonomic implications and tests of evolutionary hypotheses. Molecular Phylogenetic and Evolution , Cambridge, v. 79, p. 199-214, 2014.	Monodelphis sores = Monodelphis dimidiata
S	PENSE; CARVALHO, 2005	PENSE, M. R.; CARVALHO, A. P. C. de. Biodiversidade de aves do Parque Estadual do Jaraguá (SP). ConScientiae Saúde , São Paulo, v. 4, p. 55-61, 2005.	Aves do Parque Estadual do Jaraguá (SP)
S	PERRELLA <i>et al.</i> , 2018	PERRELLA, D. F. <i>et al.</i> . A Avifauna do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, um remanescente de Mata Atlântica imerso da área urbana de São Paulo, SP. Ornithologia , Brasília, v. 10, n. 1, p. 4-16, 2018.	Aves do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga
N	PIACENTINI <i>et al.</i> , 2015	PIACENTINI, V. Q. <i>et al.</i> . Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Revista Brasileira de Ornithologia , Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 91-298, 2015.	Taxonomia Aves
S	PUPIN; BRESCOVIT, 2023	PUPIN, G.B.; BRESCOVIT, A.D. The alien synanthropic Salticidae in Brazil (Araneae). <i>Iheringia, Sér Zool [Internet]</i> .113, e2023002. https://doi.org/10.1590/1678-4766e2023002 , 2023.	Salticidaeas exóticas
S	PUPIN; MENDES, 2022	PUPIN, G. B., & MENDES, Z. R. Impact of <i>Hedychium coronarium</i> J. König (Zingiberaceae) on the assembly of spiders in the Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, São Paulo State, Brazil. <i>Hoehnea</i> , 49, e732020, 2022.	Aranhas do Parque Estadual Fontes do Ipiranga
S	RAFAEL <i>et al.</i> , 2024	RAFAEL, José Albertino et al. Insetos do Brasil: diversidade e taxonomia. 2024.	Taxonomia Insetos
S	ROSSA-FERES <i>et al.</i> , 2017	ROSSA-FERES, D. C. <i>et al.</i> . Anfíbios da Mata Atlântica: lista de espécies, histórico dos estudos, biologia e conservação. In: MONTEIRO-FILHO, E. L. A.; CONTE, C. E. (Org.). Revisões em Zoologia : Mata Atlântica. 1. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2017. p. 237-314.	Endemismo Anfíbios
N	RUIZ & BRESCOVIT, 2013	RUIZ, Gustavo RS; BRESCOVIT, Antonio D. Revision of <i>Breda</i> and proposal of a new genus (Araneae: Salticidae). <i>Zootaxa</i> , v. 3664, n. 4, p. 401-433, 2013.	Taxonomia e ecologia de Salticidae: <i>Breda</i> ssp.
N	RYLANDS <i>et al.</i> , 2000	RYLANDS, A. B. <i>et al.</i> . An assessment of the diversity of new world primates. Neotropical Primates , Arlington, v. 8, n. 2, p. 61-93, 2000.	Classificação Primatas
N	SANTOS, 2013	SANTOS, J. P. Efeitos da estratificação vertical na comunidade de borboletas frugívoras na floresta atlântica estacional . 2013. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.	Segundo os hábitos alimentares dos adultos, as borboletas podem ser divididas em duas guildas principais: 1) espécies nectarívoras, que consomem primariamente o néctar das flores, e em alguns casos pólen, como recurso, e 2) espécies frugívoras, que se alimentam principalmente de frutas em decomposição, exsudação de plantas e excremento e carcaças de mamíferos (DeVries 1987)
S	SANTOS, 2016	SANTOS, P. S. Diversidade de anfíbios anuros no Parque Natural Municipal Fazenda do Carmo, São Paulo, SP . 2016. Trabalho de Conclusão de Curso - Centro Universitário Fundação Santo André, Santo André, 2016.	anuros Parque natural Municipal Fazenda do Carmo
S	SANTOS; ESTEVES, 2014	SANTOS, J. A. P.; ESTEVES, K. E. The fish fauna of an Atlantic Forest conservation area in the largest urban center of South America (São Paulo, SP, Brazil) and its relationship to some environmental factors. Studies on Neotropical Fauna and Environment , v. 49, n. 2, p. 135-150, 2014.	Peixes Rio Capivari, Rio Embu-guaçu, Rio Taquaquecetuba
S	SÃO PAULO (Estado), 2009	SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Estado do Meio Ambiente. Plano de Manejo do Parque Estadual da Cantareira . São Paulo, jun. 2009.	Plano de manejo Cantareira
S	SÃO PAULO (Estado), 2010	SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Fundação Florestal, Instituto Florestal. Plano de Manejo do Parque Estadual do Jaraguá . Resumo Executivo, São Paulo, SP: Governo do Estado de São Paulo, 2010.	Plano de Manejo Parque Estadual do Jaraguá
N	SÃO PAULO (Estado), 2014	SÃO PAULO (Estado). Decreto Estadual nº 60.133, de 07 de fevereiro de 2014. Declara as espécies da fauna silvestre ameaçadas de extinção, as quase ameaçadas e as deficientes de dados para avaliação no Estado de São Paulo e dá outras providências. Diário Oficial do Estado de São Paulo : seção I, São Paulo, v. 124, n. 27, p. 25, 08 fev. 2014.	Ameaçadas de extinção Estado, antiga
S	SÃO PAULO (Estado), 2018	SÃO PAULO (Estado). Decreto Estadual nº 63.853, de 27 de novembro de 2018. Declara as espécies da fauna silvestre no Estado de São Paulo regionalmente extintas, as ameaçadas de extinção, as quase ameaçadas e as com dados insuficientes para avaliação, e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo : seção 1: Poder Executivo, São Paulo, v. 128, n. 221, p. 01-11, 29 nov. 2018.	Ameaçadas de extinção Estado, atual
S	SÃO PAULO (Estado), 2019	SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Segurança Pública. Inventário da fauna silvestre do complexo da Invernada do Barro Branco e Centro Médico da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Boletim interno do Centro Médico , n. 5, 3ª Parte - Assuntos gerais e administrativos, São Paulo, fev. 2019.	Levantamento Invernada do Barro Branco
	SÃO PAULO (Estado), 2023	SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Segurança Pública. Projeto de levantamento de aves em áreas militares : levantamento da avifauna no complexo da Invernada do Barro Branco da Polícia Militar do Estado de São Paulo. São Paulo, abril, 2023.	Levantamento da Avifauna no complexo da Invernada do Barro Branco da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

S	SÃO PAULO (Município), 1998	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Inventário da fauna do Município de São Paulo: resultados preliminares. Diário Oficial da Cidade de São Paulo : suplemento, São Paulo, ano 43, n. 246, p. 27-35, 30 dez. 1998.	Inventário 1998
S	SÃO PAULO (Município), 1999	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Inventário da fauna do Município de São Paulo: resultados preliminares. Diário Oficial da Cidade de São Paulo : suplemento, São Paulo, ano 44, n. 159, p. 41-56, 24 ago. 1999.	Inventário 1999
S	SÃO PAULO (Município), 2000	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Inventário da fauna do Município de São Paulo: resultados preliminares. Diário Oficial da Cidade de São Paulo : suplemento, São Paulo, ano 45, n. 53, p. 42-60, 21 mar. 2000.	Inventário 2000
S	SÃO PAULO (Município), 2006	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Inventário da fauna do Município de São Paulo. Diário Oficial da Cidade de São Paulo : suplemento, São Paulo, ano 51, n. 104, 03 jun. 2006.	Inventário 2006
S	SÃO PAULO (Município), 2010	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Inventário da fauna do Município de São Paulo. Diário Oficial da Cidade de São Paulo : suplemento, São Paulo, ano 55, n. 94, 21 mai. 2010.	Inventário 2010
S	SÃO PAULO (Município), 2014	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Plano de manejo do Parque Natural Municipal Fazenda do Carmo: Diagnóstico. Portal da Prefeitura de São Paulo , Publicações SVMA, São Paulo, v.1, 2014.	Plano de Manejo PNM Fazenda do Carmo
S	SÃO PAULO (Município), 2016	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Inventário da Biodiversidade do Município de São Paulo. Diário Oficial da Cidade de São Paulo : suplemento, São Paulo, ano 61, n. 241, 24 dez. 2016.	Inventário 2016
N	SÃO PAULO (Município), 2017	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica do Município de São Paulo. Portal da Prefeitura de São Paulo , Publicações SVMA, São Paulo, nov. 2017. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/PMMA_final_8_jan%20ok.pdf . Acesso em: 28 dez. 2021.	PMMA, 2017
S	SÃO PAULO (Município), 2018	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Inventário da Fauna Silvestre do Município de São Paulo - 2018. Portal da Prefeitura de São Paulo , Publicações SVMA, São Paulo, 30 nov. 2021. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/publicacoes_svma/index.php?p=268981 . Acesso em: 07 jan. 2021.	Inventário 2018
S	SÃO PAULO (Município), 2021	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Inventário da fauna silvestre do Município de São Paulo. Portal da Prefeitura de São Paulo , Publicações SVMA, São Paulo, out. 2021. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/publicacoes_svma/index.php?p=318868 . Acesso em: 05 out. 2021.	Inventário 2021
S	SÃO PAULO (Município), 2022	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Inventário da fauna silvestre do Município de São Paulo. Portal da Prefeitura de São Paulo , Publicações SVMA, São Paulo, dez. 2022. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/publicacoes_svma/index.php?p=339539 . Acesso em: 20 dez. 2022.	Inventário 2022
S	SÃO PAULO (Município), 2023	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Inventário da fauna silvestre do Município de São Paulo. Portal da Prefeitura de São Paulo , Publicações SVMA, São Paulo, dez. 2023. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/noticias/?p=359620 . Acesso em: 26 dez. 2023.	Inventário 2023
S	SÃO PAULO (Município), 2024	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Plano de Manejo do Refúgio da Vida Silvestre Anhanguera . São Paulo: 2024.	Plano de Manejo RVS Anhanguera
S	SÃO PAULO (Município), no prelo (b)	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Itaim . São Paulo, no prelo.	Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Itaim. Ecosis Soluções Ambientais (relatório set. 2023)
S	SÃO PAULO (Município), no prelo (c)	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Bororé . São Paulo, no prelo.	Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Bororé. Ecosis Soluções Ambientais (relatório dez. 2023)
S	SÃO PAULO (Município), no prelo (d)	SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Jaceguava . São Paulo, no prelo.	Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Jaceguava. Ecosis Soluções Ambientais (relatório dez. 2023)
N	SEGALLA <i>et al.</i> , 2016	SEGALLA, M. V. <i>et al.</i> Brazilian amphibians: list of species. Herpetologia Brasileira , São Paulo, v. 5, n. 2, p. 34-46, 2016.	Referencia taxonomica anfíbios
S	SEGALLA <i>et al.</i> , 2021	SEGALLA, M. V. <i>et al.</i> List of Brazilian Amphibians. Herpetologia Brasileira , São Paulo, v. 10, n. 1, p. 121-216, 2021.	Referencia taxonomica anfíbios
S	SENA, 2015	SENA, M. A. Filogenia e evolução dos <i>Tropidurus</i> do grupo <i>torquatus</i> (Squamata: Tropiduridae) . 2015. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.	Sequenciamento genético de indivíduos das espécies do grupo <i>Tropidurus torquatus</i> .
S	SCHUNCK, 2005	SCHUNCK, F. Registro do trinta-réis-anão <i>Sternula superciliaris</i> , no Reservatório Guarapiranga, localizado no município de São Paulo, SP. <i>In</i> : Congresso Brasileiro de Ornitologia, 13, 2005, Belém. Anais... Belém: MPEG/UFPA, 2005.	Sternula superciliaris
S	SCHUNCK, 2007	SCHUNCK, F. Primeiros registros documentados de <i>Podiceps occipitalis</i> Garnot, 1826 e de Fulica leucoptera Vieillot, 1817 para o Estado de São Paulo. <i>In</i> : Congresso Brasileiro de Ornitologia, 15, 2007, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: 2007.	
S	SCHUNCK, 2011	SCHUNCK, F. Parque Ecológico do Tietê. <i>In</i> : VALENTE, R. M. <i>et al.</i> (org.). Conservação de Aves Migratórias Neárticas no Brasil . 1. ed. Belém: Conservação Internacional, 2011. p. 246-250.	PET
S	SCHUNCK; ALVES, 2020	SCHUNCK, F.; ALVES, A. R. Jacques Cousteau: a importância de um parque urbano para a conservação das aves do município de São Paulo, sudeste do Brasil. Atualidades Ornitológicas , n. 215, p. 47-66, maio/jun. 2020.	Aves do Parque Municipal do Laguinho - JacquesCousteau
S	SCHUNCK <i>et al.</i> , 2020	SCHUNCK, F. <i>et al.</i> Aves da Península do Castelo: a importância da coleta de dados de longo prazo em escala geográfica local no município de São Paulo, SP. Atualidades Ornitológicas , 214, mar. e abr. de 2020.	Aves da Península do Castelo
S	SCHUNCK; GHETTI, 2004	SCHUNCK, F.; GHETTI, U. Reaparecimento do tuiuiú <i>Jabiru mycteria</i> (Ciconidae) na cidade de São Paulo após 110 anos sem registros. <i>In</i> : Congresso Brasileiro de Ornitologia, 12, 2004, Blumenau. Anais... Blumenau: URB/SC, 2004, p. 367.	Jabiru mycteria
S	SILVA, 2001	SILVA, W. R. Levantamento da área da Siemens em Pirituba, São Paulo . Relatório final, São Paulo, 2001.	Relatorio Final - Levantamento fauna Siemens
N	SIMA/CRASPET, 2019	Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente - CRASPet	Registro Bugio no Natural Fazenda do Carmo
S	SOMENZARI <i>et al.</i> , 2018	SOMENZARI, M. <i>et al.</i> An overview of migratory birds in Brazil. Papéis Avulsos de Zoologia , São Paulo, v. 58, p. 1-66, 2018.	Aves migratórias
N	SIMONE, 1994	SIMONE, L. R. L. de. (1994). Anatomical characters and systematics of Anodontites trapesialis (Lamarck, 1819) from South America (Mollusca, Bivalvia, Unionoidea, Muteloidea). Studies on Neotropical Fauna and Environment , 29(3), 169–185.	Dados ecológicos Anodontites trapesialis (Lamarck, 1819)
S	STOTZ <i>et al.</i> , 1996	STOTZ, D. F. <i>et al.</i> Neotropical Birds : Ecology and Conservation. 4 ed. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1996. 478 p.	Sensibilidade, Abundância Aves
S	TÁXEUS	TÁXEUS. Táxeus : Listas de Espécies. 2022. Disponível em: http://taxeus.com.br/ .	
S	TONETTI <i>et al.</i> , 2017	TONETTI, V. R. <i>et al.</i> Historical knowledge, richness and relative representativeness of the avifauna of the largest native urban rainforest in the world. Zoologia , n. 34, e13728, 2017.	Lista aves cantareira
S	TOZETTI <i>et al.</i> , 2017	TOZETTI, A. M. <i>et al.</i> Répteis. <i>In</i> : MONTEIRO-FILHO, E. L. A.; CONTE, C. E. (Org.). Revisões em Zoologia : Mata Atlântica. 1. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2017. p. 315-364.	Endemismo répteis
N	TRIGO <i>et al.</i> , 2013	TRIGO, T. C. <i>et al.</i> Molecular data reveal complex hybridization and a cryptic species of Neotropical wild cat. Current Biology , Saint Louis, n. 23, p. 1-6, 2013.	Leopardus guttulus
S	UETZ <i>et al.</i> , 2023	Uetz, P. <i>et al.</i> (eds.). The Reptile Database . 2023. Disponível em: http://www.reptile-database.org/ . Acesso em: dez. 2023	Nomes em inglês répteis
S	UFRJ, 2021	UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil . Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia. Rio de Janeiro: 2021. Disponível em: http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/listaBrasil/PrincipalUC/PrincipalUC.do?lingua=en . Acesso em: 17 ago. 2020.	Taxonomia fauna
S	VALDUJO; MALAGOLI, 2006	VALDUJO, P. H.; MALAGOLI, L. R. Levantamento da Herpetofauna para a Elaboração do Estudo de Impacto Ambiental do Trecho Sul do Rodoanel Mário Covas (Complemento) . Relatório de Impacto Ambiental. CETESB. 2006.	Levantamento herpetofauna Jaceguava (área da futura RPPN Igreja Messiânica)
S	VALE <i>et al.</i> , 2018	VALE, M. M. <i>et al.</i> Endemic birds of the Atlantic Forest: traits, conservation status, and patterns of biodiversity. J. Field Ornithol. , v. 89, n. 3, p. 193-206, 2018.	Endemismo aves
S	VIDEIRA, 2020	VIDEIRA, F. F. Guia das Aves do Campo de Marte . Fontenele Publicações. São Paulo, SP. 131 p. EBOOK ISBN – 978-65-86227-45-1	Guia de Aves do Campo de Marte

S	VIDEIRA, 2020b	VIDEIRA, F. F. Guia das Aves do Complexo Militar do Cambuci . São Paulo: Fontenele Publicações, 2020. 93 p. ISBN 978-65-862227-64-2.	Guia das Aves do Complexo Militar do Cambuci
N	VOSS, 2011	VOSS, R. S. Revisionary notes on neotropical porcupines (Rodentia: Erethizontidae). 3. An annotated checklist of the species of Coendou Lacépède, 1799. American Museum Novitates , New York, n. 3720, 2011.	taxonomia roedores eretizodontídeos
S	WEISER; KASPARI, 2006	WEISER, M. D; KASPARI, M. Ecological morphospace of New World ants. Ecological Entomology , n. 31, p. 131–142, 2006.	Guilda trófica Formicidae
S	WIKIAVES	WIKIAVES. WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil . 2023. Disponível em: https://www.wikiaves.com.br .	